



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA- PPGPSI/UFAM**

CASSANDRA TORRES LEMOS

**MIGRAÇÃO NOS “CAMINHOS DE RIOS”: JUVENTUDE,
RESISTÊNCIA E FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA NA REGIÃO
AMAZÔNICA**

**MANAUS
2022**

CASSANDRA TORRES LEMOS

**MIGRAÇÃO NOS “CAMINHOS DE RIOS”: JUVENTUDE,
RESISTÊNCIA E FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA NA REGIÃO
AMAZÔNICA**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Psicologia - PPGPSI da Universidade Federal do Amazonas como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia na Linha de pesquisa Processos Psicossociais.

Orientadora: Profa. Dra. Cláudia Regina Brandão Sampaio

**MANAUS
2022**

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

L557m	<p>Lemos, Cassandra Torres Migração nos "caminhos de rios" : juventude, resistência e formação universitária na região amazônica / Cassandra Torres Lemos . 2021 89 f. : il. color; 31 cm.</p> <p>Orientadora: Cláudia Regina Sampaio Brandão Dissertação (Mestrado em Psicologia: Processos Psicossociais) - Universidade Federal do Amazonas.</p> <p>1. Jovens universitários. 2. Migração. 3. Região amazônica. 4. Resiliência. I. Brandão, Cláudia Regina Sampaio. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título</p>
-------	---

TERMO DE APROVAÇÃO

CASSANDRA TORRES LEMOS

MIGRAÇÃO NOS “CAMINHOS DE RIOS”: JUVENTUDE, RESISTÊNCIA E FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA NA REGIÃO AMAZÔNICA

Dissertação apresentada à Faculdade de Psicologia como requisito para obtenção do título de mestre em Psicologia, na Linha de pesquisa Processos Psicossociais.

Aprovada em ____/____/____

Banca Examinadora:

Professora Dr^a. Claudia Regina Brandão Sampaio
Presidente da Banca – PPGPSI/UFAM

Professora Dr^a. Gisele Cristina Resende
Examinadora/Membro Interno – PPGPSI/UFAM

Professor Dr. Enio de Souza Tavares
Examinador/Membro Externo – FAPSI/UFAM

**MANAUS
2022**

Dedico a Silmara Dantas Mendes, amiga
vítima da COVID-19 e com quem tive dos
encontros mais transformadores nessa vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço sobretudo à espiritualidade que me guia, ilumina, protege e abençoa desde sempre e para sempre. Senhor, Tu és bom comigo em todas as circunstâncias!

Agradeço à minha mãe, que sempre foi incansável na busca pela promoção de uma educação capaz de me permitir acreditar que *lugar de mulher é onde ela quiser*.

Agradeço à minha madrinha Jacileide e à minha avó Esmeralda (*in memoriam*) por terem apoiado minha mãe sempre que necessário na manutenção dos meus estudos.

Agradeço ao meu pai Carlos José (*in memoriam*), que também junto à minha mãe me permitiu desenvolver o apego seguro e as condições necessárias para me tornar resiliente nas situações adversas.

Agradeço ao meu irmão Tiago que foi, provavelmente, o primeiro ser humano que fez de mim uma tutora de resiliência.

Agradeço à minha tia Claudete e à minha prima Cátia, que quando souberam da minha intenção de concorrer à vaga de mestrado não mediram esforços para me ajudarem na preparação, demonstrando toda a alegria de ver mais uma “Lemos” a caminho de se tornar Mestre.

Agradeço às minhas incríveis amigas, por ordem alfabética para não incorrer em injustiças, Adriane Andrade, Flávia Dias, Maria Fernanda Cabral, Michele Bonfim e Rita de Cássia Marie que tantas vezes colocaram suas dores “no bolso” para me ajudarem com as dores das minhas feridas. Minha trajetória de vida ao lado delas ganha sempre mais sentido e beleza.

Agradeço profundamente e eternamente à minha terapeuta Carla Nazareth. Perco as palavras para demonstrar toda a minha gratidão a essa mulher, profissional a quem não canso de admirar. Carla nunca me recebeu vestida apenas da persona da profissional; a persona que ela veste está alinhavada com tanta afetividade, humanidade quanto eu espero portar no cuidado aos meus pacientes.

Agradeço à Fundação de Vigilância do Estado do Amazonas – FVS, onde atuo como psicóloga, pois recebi incondicionalmente o apoio necessário para realizar mais essa etapa da minha trajetória de escolarização. Agradeço aos meus queridos colegas da Gerência de Recursos Humanos – GRH e aos do Serviço de Saúde Preventiva – SSP por compartilharem comigo a expectativa da comemoração desse momento. *In memoriam*, cito Dra. Rosemary Costa Pinto e Dona Márcia, mulheres fortes e competentes que a FVS me deu a oportunidade de conviver e admirar.

Agradeço às minhas amadas companheiras da Assistência Social, Fabiana Castro, Suzan Carol, Fernanda Liane, Ana Lúcia Mitoso, Géssyka Teixeira, Juliana Figueira e Rosângela

Costa, que vibraram com a minha entrada no mestrado e que compartilharam comigo a luta pela efetivação da Política em um cenário político que torna o nosso trabalho quase inalcançável. “Ninguém solta a mão de ninguém”: assim alimentávamos nossas potências para resistir.

Agradeço à minha amiga Sinthia Mar, que foi a minha parceira do início ao fim nessa trajetória. Tê-la ao meu lado foi ter um lugar seguro para viver essa experiência que nos leva a extremos do desconhecido vir a ser. Foi bom trocar com ela os lápis de colorir quando o cenário era cinzento.

Agradeço à Thatyane Fernandes e Cyntia Loyola, que compuseram meu grupo de foco, força e fé. As aulas eram mais gostosas ao lado delas e o café, que felizmente levamos para fora dos muros da UFAM, também.

Agradeço à majestosa UFAM e ao PPGPSI por terem promovido os esforços necessários para atravessarmos a Pandemia da COVID-19 e concluirmos essa jornada com o mínimo de prejuízo possível. Exalto a UFAM porque sempre defenderei a Educação Pública e os direitos sociais garantidos pela Constituição Federal Brasileira.

Agradeço de modo especial à minha orientadora Prof^a Dra. Claudia Sampaio, que me serve de inspiração desde a graduação e que com tanta simplicidade realiza sua admirável caminhada na docência. Reconheço que é difícil ser professor(a) no Brasil e sou prova do quanto ela se dedica para dar sempre o melhor da profissional e da pessoa indissociavelmente. Claudia tem sempre algo novo para compartilhar.

Agradeço à coordenadora do PPGPSI, Gisele Resende, que tive a oportunidade de ter como colega de profissão na Prefeitura Municipal de Manaus e que cativa desde o primeiro momento. Gisele é daquelas pessoas que são pura força na sutileza. Junto à Claudia, foram duas das maiores incentivadoras e significativas tutoras de resiliência para mim.

Por fim, agradeço intensamente à Flor de Maracujá. Encontrar com essa mulher foi um presente para mim. Sinto que fui honrada com esse encontro. A história de Flor é cheia de potência e me transformou. A força que ela carrega se disfarça na voz suave e numa afetividade que aproxima sorratamente. Ela tem a minha admiração além da minha eterna gratidão. Serei sempre alguém que estará na torcida para que ela sonhe insistentemente, recursivamente e além rios. Cabocla amazônida linda que só ela!

*“Triste, louca ou má
Será qualificada
Ela quem recusar
Seguir receita tal*

*A receita cultural
Do marido, da família
Cuida, cuida da rotina*

*Só mesmo, rejeita
Bem conhecida receita
Quem não sem dores
Aceita que tudo deve mudar [...]”*

(FRANCISCO, EL HOMBRE)

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AM	Amazonas
CAAE	Certificado de Apresentação para Apreciação Ética
CAPS	Centro de Atenção Psicossocial
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CF 88	Constituição Federal de 1988
COVID-19	Novo Coronavírus
ES	Educação Superior
FAPSI	Faculdade de Psicologia
FIES	Fundo de Financiamento Estudantil
FVS	Fundação de Vigilância em Saúde
IES	Instituições de Educação Superior
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LABINS	Laboratório de Intervenção e Desenvolvimento Comunitário
MEC	Ministério da Educação
PACE	Programa Atividade Curricular de Extensão
PNAES	Plano Nacional de Assistência Estudantil
PNE	Plano Nacional de Educação
PPGPSI	Programa de Pós-Graduação em Psicologia
PROCAD	Programa de Cooperação Acadêmica
PROUNI	Programa Universidade para Todos
SEMASC	Secretaria Municipal da Mulher, Assistência Social e Cidadania
SUAS	Sistema Único de Assistência Social
SUS	Sistema Único de Saúde
SUSAM	Secretaria de Estado de Saúde do Amazona
SSP	Secretaria de Segurança Pública
TJAM	Tribunal de Justiça do Estado do Amazonas
UAB	Universidade Aberta do Brasil
UFAM	Universidade Federal do Amazonas
UnB	Universidade de Brasília

UNIR	Universidade Federal de Rondônia
REUNI	Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
VEMEPA	Vara de Execuções de Medidas e Penas Alternativa

RESUMO

A expansão da oferta da educação superior produziu impactos positivos em termos de aumento de vagas e de instituições de ensino. Contudo, vários são os problemas que envolvem a oferta e qualidade do ensino superior em um país com as dimensões geográficas do Brasil, diversidades regionais e grandes desigualdades sociais. Um dos problemas refere-se à concentração da oferta nos grandes centros urbanos, o que implica em muitas dificuldades de acesso aos estudantes de lugares mais afastados e pobres. No estado do Amazonas a oferta de cursos superiores, quer em universidades públicas ou privadas, ocorre majoritariamente na cidade de Manaus, sendo a migração uma das únicas formas que jovens de outros municípios dispõem para dar continuidade à sua formação, tendo como desafios a difícil mobilidade entre os municípios amazonenses, dificuldades materiais, simbólicas e emocionais envolvidas nos processos de migração. Partindo do pressuposto que migrar com finalidade de realizar curso de graduação trazem uma série de modificações na vida dos jovens universitários oriundos de municípios do interior do Amazonas, o presente estudo teve por objetivo conhecer a trajetória de escolarização com ênfase nos processos psicossociais que a migração com fins de continuidade dos estudos em nível superior engendra na vida de um universitário amazonense em Manaus. Os objetivos específicos foram: 1) conhecer os recursos sociopolíticos, institucionais e relacionais para o universitário imigrante 2) conhecer as adversidades da trajetória do universitário imigrante; 3) conhecer as estratégias de enfrentamento presentes nessa trajetória; 4) compreender os sentidos atribuídos pelo sujeito às vivências decorrentes da trajetória de deslocamento para realizar curso superior. Sob forma de estudo de caso, a pesquisa se deu junto a uma jovem universitária que se encontrava, à época, próxima à integralização de seu curso na Universidade Federal do Amazonas. Utilizou-se a entrevista narrativa como instrumento para conhecer sua história de vida. As informações foram analisadas à luz de teorias embasadas na psicologia histórico-cultural e na teoria da resiliência, segundo Boris Cyrulnik. Na análise interpretativa identificou-se indicadores de sentido a partir dos objetivos propostos. Como resultados, observou-se que a migração surge como meio de acesso à educação ainda nas séries iniciais da escolarização; a migração impacta nos processos identitários, modifica o contexto sociocultural de origem, transforma redes de apoio, interfere negativamente na saúde mental e carece de apoio institucional para um adequado desempenho na graduação; questões de gênero predis põem à violência; o núcleo familiar pode se configurar em risco ou proteção à permanência no curso; e dentre os recursos de resistência estão as redes de solidariedade e atividades como a arte. O foco na obtenção do diploma funciona como elemento para perseverar. Concluiu-se que a ausência de conhecimento da realidade dos alunos migrantes e a ausência de suporte institucional são os fatores que mais inviabilizam a permanência dos jovens em condições dignas e adequadas à formação em nível superior.

Palavras-chave: Jovens Universitários; Migração; Região Amazônica; Resiliência.

ABSTRACT

The expansion of the offer of higher education produced positive impacts in terms of increasing offers and educational institutions. However, there are several problems that involve the quality of higher education (undergraduate) in a country with the geographic dimensions of Brazil, the regional diversities and great social inequalities. One problem refers to large urban centers, which implies many difficulties in accessing students from more remote and poor places. In the state of Amazonas the offer of higher education courses, either in public or private universities, occurs mostly in the city of Manaus, migration being one of the only forms that young people from other municipalities have to continue their training, having as challenges the difficult mobility between the municipalities of Amazonas, material, symbolic and emotional difficulties involved in migration processes. Assuming that migrating in order to take an undergraduate course bring a series of changes in the lives of young university students from municipalities in the interior of Amazonas, this study aimed to know the trajectory of schooling with emphasis on psychosocial processes that migration for the purpose of continuing studies at a higher level engenders in the life of an undergraduate student in Manaus. The specific objectives were: 1) to know the sociopolitical, institutional and relational resources for immigrant university students; 2) to know the adversities of the immigrant's trajectory; 3) to know the coping strategies presented in this trajectory; 4) understand the meanings attributed by the students to the experiences resulting from the destination trajectory to undertake higher education. A young university student participated in the research who, at the time of the research, was close to completing her course at Universidade Federal do Amazonas. The narrative interview was used as an instrument to know the life story of the young woman. The information was analyzed in the light of theories based on cultural-historical psychology and on the theory of resilience, according to Boris Cyrulnik. The interpretative analysis aimed to identify the indicators of meaning based on the objectives proposed in the research. As the results, it was observed that migration appears as a means of accessing education even in the initial grades of schooling; migration impacts identity processes, modifies the sociocultural context of origin, transforms support networks, negatively interferes with mental health and lacks institutional support for an adequate performance at graduation; gender issues predispose to violence; the family nucleus can be configured at risk or protection to the permanence in the course; and among the resources of resistance are solidarity networks and activities such as art. The focus on obtaining the diploma works as an element to persevere. It is concluded that the lack of knowledge of the reality of migrant students and the absence of institutional support are the factors that most make it impossible for young people to remain in dignified and adequate conditions for higher education.

Keywords: Young University Students; Migration; Amazon Region; Resilience.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 MIGRAÇÃO E ENSINO SUPERIOR NO AMAZONAS: QUESTÕES REGIONAIS E A RESILIÊNCIA.....	24
2.1 A QUESTÃO DA MIGRAÇÃO EM FACE DO ENSINO SUPERIOR E O CONTEXTO AMAZÔNIDA.....	25
2.2 AS ADVERSIDADES DO ENSINO SUPERIOR E A RESILIÊNCIA.....	29
3 O CAMINHO PERCORRIDO – NARRANDO O PERCURSO METODOLÓGICO.....	32
3.1 CONHECENDO OS PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	34
3.2 DESCREVENDO O INSTRUMENTO E OS PROCEDIMENTOS DO CAMPO.....	36
3.3 MÉTODO DE ANÁLISE DA ENTREVISTA – PRIVILEGIANDO O CONHECIMENTO PROFUNDO DA EXPERIÊNCIA.....	37
3.4 LOCAL.....	39
3.5 PRINCÍPIOS ÉTICOS.....	40
4 FLOR DE MARACUJÁ.....	42
4.1 PINTANDO A MISTERIOSA “FULÔ” (EM TUPI-GUARANI)	43
4.2 O ALIMENTO DENTRO DA CUIA – MARACUJÁ, EM TUPI-GUARANI.....	48
4.3 DO SINGULAR AO UNIVERSAL: ENTRELAÇAMENTO DA NARRATIVA DE FLOR COM ALGUMAS ALEGORIAS.....	61
4.3.1 De Coré à Perséfone: quando da folha brotou flor.....	62
4.3.2 Quíron: o arquétipo do curador-ferido atuando em Flor de Maracujá.....	64
4.4 DA FORÇA E CONCRETUDE DA NARRATIVA DE FLOR: UMA SÍNTESE.....	65
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
6 REFERÊNCIAS.....	74
APÊNDICE A - ROTEIRO DA ENTREVISTA NARRATIVA.....	80

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	81
ANEXO A – PARECER CEP.....	84

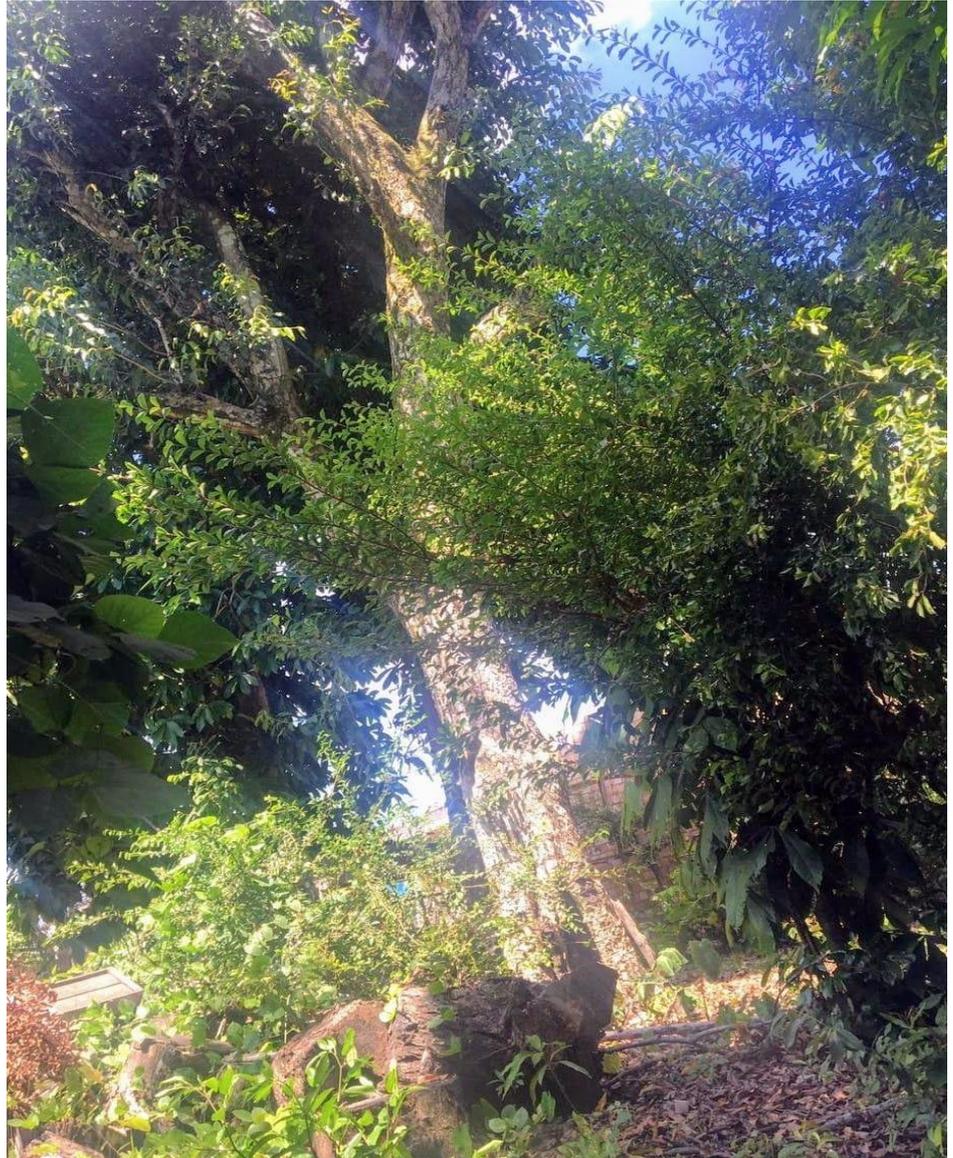


Imagem 1¹

1 INTRODUÇÃO

¹ Registrado por Flor. Uso autorizado.

Eu, eu mesmo...
 Eu, cheio de todos os cansaços
 Quantos o mundo pode dar.
 Eu...
 Afinal tudo, porque tudo é eu,
 E até as estrelas, ao que parece,
 Me saíram da algibeira para deslumbrar crianças...
 Que crianças não sei...
 Eu...
 Imperfeito? Incógnito? Divino?
 Não sei...
 Eu...
 Tive um passado? Sem dúvida...
 Tenho um presente? Sem dúvida...
 Terei um futuro? Sem dúvida...
 A vida que pare de aqui a pouco...
 Mas eu, eu...
 Eu sou eu,
 Eu fico eu,
 Eu...
Eu – Fernando Pessoa

A reflexão de Fernando Pessoa acerca do eu me serviu de inspiração em dois momentos desse ciclo da minha trajetória de escolarização, o mestrado: o memorial, para o processo seletivo, e agora a dissertação. Início e fim de uma jornada que concluo sendo e ficando eu, diferente do eu que eu era e ficava quando entrei, mas ainda assim, sendo eu. Gosto de como o poema contempla a construção humana como totalidade, numa constante, com todos os cansaços que a existência impõe, valorizando os encontros que se dão pelo caminho.

Considerando essa totalidade e a constante que me constitui, posso afirmar que me faço humana sensível ao social desde muito cedo. Criança questionadora, incomodada com as desigualdades que não me passavam despercebidas, tantas foram as vezes que me definiram como “a defensora dos fracos e oprimidos”. Se me senti ofendida alguma vez? Não sei. Mas hoje compreendo que desde ali estava eu mostrando ao mundo que me cercava como eu ficava eu.

Thiago de Mello em seu poema intitulado como “Aos que virão” dizia

Sou simplesmente um homem
 para quem já a primeira
 e desolada pessoa
 do singular – foi deixando,
 devagar, sofredamente
 de ser, para transformar-se
 — muito mais sofredamente —

na primeira e profunda pessoa
do plural.

Nesse constante vir a ser, assim como disse Thiago de Mello em seu poema, reconheço em mim uma mulher para quem a primeira e desolada pessoa do singular esteve sempre confrontada e sofridamente transformada na primeira e profunda pessoa do plural.

Apesar da pele branca e dos privilégios que ela sozinha inscreve na minha trajetória, nasci em família pobre, filha de pai nascido no Careiro da Várzea e com ensino médio incompleto, e mãe que se graduou em Letras após os 45 anos de idade. Logo, fui a primeira da família a entrar na universidade.

De uma graduação em Psicologia que durou seis anos, fortemente marcada pela formação clínica e com a qual eu pouco me identificava, saí decidida a atuar no âmbito da Psicologia Jurídica. Todavia, quem me escolheu foi a Psicologia Social. Diante de todo tipo de desigualdade social, violação de direitos, invisibilidades, processos de exclusão que o trabalho no Sistema Único de Assistência Social (SUAS) descortinava dia após dia, entrei no curso de Mestrado decidida a pesquisar a temática com a qual eu trabalhava, mas novamente eu fui surpreendida. Numa aula, entre tantas falas, lá estava eu sendo tocada na pele amazônica que me veste: as trajetórias de escolarização dos jovens que se veem diante da necessidade de mudança dos seus municípios de origem para a capital com vistas ao ingresso no Ensino Superior. Nesse momento, como em cenas de um filme lembrei da saída da minha família paterna do Careiro da Várzea para que os filhos estudassem na capital, de uma moça que conheci no ônibus a caminho da UFAM e que vinha de Manacapuru todos os dias para cursar medicina, de um amigo que ficava entre Manaus e Itacoatiara para cursar direito, de uma matéria no jornal local sobre as dificuldades e os sonhos de pessoas que moram na região metropolitana e frequentam universidades em Manaus, mas o que mais me atingia era a recordação do modo como todos eles mantinham as memórias ou as relações com aqueles municípios e de como eles enfrentavam as adversidades e o sofrimento de serem ‘forasteiros’.

A formação em nível superior vem sofrendo significativa expansão em termos mundiais. Os dados representativos dos anos de 1995 a 2011 revelam que o número de estudantes de cursos universitários em cursos de graduação no mundo saltou de 82 milhões para 185 milhões (PRATES; COLLARES, 2014 apud HERINGER, 2018). No Brasil, a expansão do ensino superior foi alavancada nas últimas décadas em articulação com a criação e a efetivação de políticas públicas, que têm representado mudanças no panorama econômico, político e social (DIAS, 2016). Tais avanços devem-se diretamente ao progressivo movimento de democratização advindo dos governos que priorizaram pautas sociais visando diminuir as

profundas desigualdades que marcam a história do país. Todavia, o cenário atual não se caracteriza por avanços nesta direção. Ao contrário, os rumos anunciados pelo alinhamento de pressões político-econômicas neoliberais que uniu grupos desde centro-esquerda aos segmentos mais radicais e conservadores da direita e que levaram ao *impeachment* presidencial de Dilma Roussef em 2016, afirmam profunda oposição às políticas de democratização e qualidade no ensino em todos os seus níveis, produzindo retrocessos nos avanços obtidos. Como em países marcados pela desigualdade como o Brasil, os impactos mais severos serão sentidos pelos que se encontram em maior vulnerabilidade.

Em se tratando das políticas para o ensino superior, justamente grupos que menos tinham acesso aos cursos universitários puderam ser alcançados pelos avanços no processo de expansão promovidos nos governos de Luís Inácio Lula da Silva e Dilma Roussef. Sobre esta expansão, Ristoff (2014) destaca o crescimento do número de instituições, de cursos, de vagas, de ingressantes, de matrículas e de concluintes. As matrículas em cursos superiores, por exemplo, saltaram de pouco mais de 3 milhões em 2001, para quase 6,4 milhões em 2010. Em 2017, chegaram ao número de 8,3 milhões (INEP/MEC, 2010, 2018). Esse cenário coadunou-se, portanto, com a perspectiva do Plano Nacional de Educação (PNE) previsto para o período de 2014 a 2024, que estabelece como meta a elevação da taxa de matrículas para 50% da população de 18 a 24 anos, através da facilitação do acesso e da permanência na educação superior. Expansão e interiorização constituíram parte importante da estratégia para o alcance desta meta, tendo em vista a uniformização da expansão em todo território nacional (BRASIL, 2014 *apud* DIAS, 2016).

O quantitativo das Instituições de Educação Superior (IES) no Brasil em 2017, de acordo com o Censo da Educação Superior, era de 2.448 IES, sendo 199 universidades, 189 centros universitários e 2020 faculdades, em sua quase totalidade privadas (INEP/MEC, 2018). Analisando esse mesmo documento referente ao ano de 2010 e comparando ao de 2017, observo que as IES privadas perfazem a maior parte das instituições de educação superior tanto nas capitais quanto no interior. Essa tendência é vista inclusive nos dados que traduzem a realidade da região Norte, incluindo o Estado do Amazonas (INEP/MEC, 2010, 2018). A respeito desta pauta, Barros (2015) afirma que apesar do aumento significativo de Instituições de Ensino Superior (IES) e de matrículas desde os anos de 1990, a taxa de escolarização líquida da população brasileira de 18 a 24 anos continua muito baixa (14,4%), além de que 74% de todas as matrículas de graduação são registradas no setor privado, contra 26% no setor público (INEP/MEC, 2010 *apud* BARROS, 2015).

Todavia, mesmo diante de uma importante política que modificou realidades concretas, contradições importantes emergem a respeito do alcance das pretendidas metas oficiais de democratização e interiorização da Educação Superior (ES) no Brasil, especialmente no nível da graduação. Uma delas diz respeito à oferta da educação superior com fim comercial. Embora esta seja reconhecida na Constituição Federal de 1988 (CF 88) e em outros documentos da política educacional brasileira, o massivo processo de transformação de um serviço público em um serviço comercial, não garante a democratização nem a igualdade de condições de qualificação, de permanência, e de sucesso no mercado de trabalho. A esse processo, é atribuído o sentido da mercantilização, de responsabilidade de um Estado semiprivado e de economia ultraliberal -, que expressa as fronteiras frágeis entre o público e o privado/mercantil (SGUISSARDI, 2015).

Apontando para essa mesma direção, Araujo (2019) discute que o Estado neoliberal brasileiro, a despeito das metas de democratização do ensino superior, descaracteriza o direito à gratuidade, universalidade e qualidade apregoados pela CF 88 ao investir em políticas de financiamento pela esfera privada. A autora afirma que as políticas de desenvolvimento do século XIX acirraram as desigualdades de acesso e permanência entre as classes sociais, os gêneros e as etnias dentro da academia, fazendo da universidade brasileira um espaço elitizado e excludente, ao desconsiderar a oferta desigual de vagas e a heterogeneidade da população brasileira (LIBÂNEO, 2012; FÁVERO, 2006 *apud* ARAUJO, 2019).

Desta forma, ainda que positivas, as estatísticas oficiais apresentadas pelo governo e os aportes teóricos que defendem a expansão e a interiorização das vagas, não conseguem escamotear a mercantilização, a precarização e a desresponsabilização estatal frente à gratuidade e qualidade do ensino superior. Assim, iniciativas estatais como o Fundo de Financiamento Estudantil (FIES), o Programa Universidade para Todos (ProUni), a Universidade Aberta do Brasil (UAB) e o Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) que foram implementadas no país apoiadas no discurso da expansão, democratização e interiorização do ensino superior são entendidos na literatura consultada como instrumentos de maior utilidade ao setor privado do que aos interesses educacionais de alcance público (BARROS, 2015; ARAUJO, 2019). Um dos resultados dessa precarização e o que delimita o interesse central nesta dissertação é a concentração de universidades nos grandes centros urbanos, o que implica muitas dificuldades de acesso aos estudantes de lugares mais afastados e estudantes pobres, uma vez que são levados a buscar formação profissional de nível superior fora de seus locais de pertencimento (ARAUJO, 2019).

Do movimento de deslocamento, decorre uma série de modificações na vida dos jovens: impactam nos processos identitários e no contexto sociocultural circundante, e, por isso, “[...] migrar para estudar se revela com uma característica multidirecional e de permeabilidade que pode refletir em movimentos de transculturação, na constituição de novos espaços de relações e trocas culturais” (CORSINI, 2007 *apud* DIAS, 2016, p.14).

A autora segue afirmando que a migração se configura como objeto social de múltiplos sentidos, com potencial para a promoção de impactos sociais, econômicos e psicológicos. Os impactos, todavia, não se restringem a agir apenas sobre o jovem migrante, mas também a quem vai recebê-lo, pois reside nisso uma necessidade de adaptação cultural para ambos, inclusive quando o deslocamento se dá dentro do mesmo estado, haja vista a riqueza cultural que compõe a população brasileira (CORSINI, 2007).

O Amazonas segue a mesma influência pluriétnica e multicultural que vem determinando historicamente a formação social e cultural do povo amazonense. Povos indígenas e migrantes brasileiros e estrangeiros costuravam e costuram a cultura local, seja ela originária de contextos urbanos ou rurais (CALEGARE, 2012, 2017). Vale pontuar que os contextos rurais no Amazonas são comumente chamados de comunidades do interior² que, conforme a região, também podem ser denominadas de comunidades ribeirinhas, ainda que não se encontrem em Unidades de Conservação da natureza ou mesmo sejam oficialmente classificadas como áreas urbanas. Em grande parte dessas comunidades, os ensinos fundamental e médio ofertados apresentam-se por meio de ensino multisseriado, educação à distância, com falta de material didático, transporte escolar, merenda e baixa assiduidade de professores, além de não se realizar adaptado às particularidades das condições de vida local. Desta feita, e, apesar da identificação dos jovens com o modo de viver local, muitos encontram na migração³ aos centros urbanos a chance da continuidade dos estudos e de melhores condições de acesso às suas trajetórias de escolarização (CALEGARE; HIGUCHI, 2013).

² Por esta razão, neste trabalho usarei o termo *interior* para fazer referência aos municípios de onde os jovens migram com destino à cidade de Manaus.

³ Em minhas pesquisas na literatura observei que os autores, em sua maioria, utilizam os termos *migração* e *deslocamento* para definir o mesmo fenômeno. Aqui, seguirei tal tendência, fazendo diferenciação apenas entre migração/deslocamento pendular, o deslocamento diário entre o município de residência e o município de estudo, e aquela migração/deslocamento onde há fixação de residência em município diferente do de origem, ambas as situações relacionadas à continuidade das trajetórias de escolarização. Saliento, ainda, que na literatura pesquisada foi possível encontrar esse movimento entre municípios de um mesmo estado nomeado de intra-regional ou interno, os quais, do mesmo modo, utilizarei neste trabalho como sinônimos. Por fim, não me furto de sinalizar que também acessei textos que defendiam a necessidade de uniformidade nos estudos sobre o tema, mas, crendo principalmente na relevância de se discutir o fenômeno de modo acessível a todo público e menos no preciosismo de definições terminológicas, opto por não enveredar ainda por esta discussão. Meu posicionamento é de que se foque mais na compreensão do fenômeno e menos na normatização de termos, quando isso não se mostre um empecilho à produção científica, pois apoio a universalização da ciência e a não utilização dela como estratégia de exclusão.

No presente trabalho, este movimento é particularmente observado quando o assunto é a graduação no nível superior. O Campus da UFAM⁴ localizado em Manaus contava, em 2018, com 73,7% dos discentes enquanto os outros 26,3% estavam nos Campus do interior, a saber: Benjamin Constant, Coari, Humaitá, Itacoatiara e Parintins. Esses dados podem servir como indicativo, dentre outras questões, de que esses deslocamentos configuram a realidade do jovem universitário amazonense. De acordo com matéria de Naférson Cruz (Acritica, 2016), universitários do interior do Amazonas passam horas para chegar à aula. Segundo ele, essa é a realidade de um número expressivo de estudantes que enfrentam rotinas exaustivas, poucas horas de sono e para a realização das atividades curriculares e extracurriculares, vida social prejudicada e serviços de transportes precários, acreditando na mobilidade social e na concretização do plano de escolarização. Essa migração pendular⁵, no entanto, não é o único movimento de mobilidade que se identifica entre os universitários do Amazonas. Durante minha graduação e mesmo após a conclusão do curso entrei em contato com jovens que tinham trajetórias de escolarização marcadas pela migração pendular e pela inter-regional com fixação de residência por força da graduação realizada em Manaus.

Também junto com o processo de democratização do Estado brasileiro nas últimas décadas, a Psicologia enquanto ciência e profissão, vem assumindo compromissos cada vez mais pautados na produção de conhecimento e práticas embasados em perspectivas teórico-metodológicas e olhar crítico sobre a realidade social e sobre o seu papel diante das demandas de sofrimento humano e produção de subjetividades sob um contexto histórico-social desigual e opressor. A realidade social é compreendida, nesta perspectiva, não apenas um pano de fundo onde os fenômenos sociais se manifestam, mas o próprio fenômeno a ser considerado na constituição subjetiva, dada a condição humana de ser, ao mesmo tempo, produto e produtor de si e da realidade, em um processo social e histórico contínuo.

As reflexões em torno do tema “escolarização de jovens universitários amazônidas” e a própria realidade regional – o maior estado brasileiro em termos de extensão territorial, a precariedade estrutural de quase a totalidade de seus municípios, suscitaram diversos questionamentos. Como a própria geografia e as condições de oferta a cursos de graduação na região tem muito a dizer sobre o jovem universitário amazonense, me propus a questionar:

⁴ Concentro-me nas informações da UFAM, vez que esta pesquisa, atendendo aos requisitos do projeto que lhe origina – PROCAD Amazônia (SILVA, PEDROZA e URNAU, 2018), dedica-se aos universitários desta Universidade. Contudo, defendo a importância de ampliar a investigação a um universo mais amplo de instituições de educação superior, acreditando que quanto maior a pluralidade pesquisada maior serão as possibilidades a equidade do acesso e para a melhoria do ensino superior no Amazonas.

⁵ Ver a nota de rodapé 2.

“quem é esse jovem que está no rol dos movimentos migratórios com fins de estudo? Como se deu sua trajetória de escolarização até a graduação? Quais as dificuldades que enfrenta? Que sonhos nutre em relação à graduação? Quais estratégias de enfrentamento utiliza? Quem são seus tutores de resiliência, ou seja, elementos mediadores nas interações humanas que contribuem para o acesso, a permanência e a conclusão do curso de graduação? Dispõe de redes de apoio? Qual sentido atribui à vivência migratória com fins de escolarização? Como se percebe e percebe aqueles a quem deixou e os que o receberam nesse processo? Que aspectos psicossociais estão envolvidos nessas trajetórias de vida?

Para abordar tais questionamentos, busquei, primordialmente, autores da Psicologia Social e Comunitária, Psicologia do Desenvolvimento e das Ciências Sociais. No que se refere aos processos de enfrentamento, resistência e trajetórias de adversidade e superação encontrei suporte junto aos estudos sobre resiliência dos autores latino-americanos Aldo Mellilo e Elbio Ojeda (2005), e do autor francês Boris Cyrulnik (2003; 2005), por identificar nestes uma produção crítica compatível com as perspectivas de análises psicossociais que incluem dimensões culturais, socioeconômicas, afetivo-relacionais e subjetivas, as quais compreendo como fundamentais para estudar a realidade desses jovens.

O pressuposto que adotei no presente estudo é de que os deslocamentos/migrações com fins de ingresso em formação superior a nível de graduação na capital do Amazonas impõem aos jovens universitários trajetórias marcadas por adversidades e processos de enfrentamento/resistência, que são devidos tanto a aspectos gerais e comuns a todo território nacional quanto específicos do contexto amazônico.

Sendo assim, defini o seguinte **problema de pesquisa**: quais são as implicações do deslocamento nas trajetórias de vida de jovens universitários amazonenses que o fazem com fins de continuação da escolarização em nível de graduação na capital? De modo a responder o problema proposto, estabeleci como **objetivo geral** conhecer a implicação da migração para fins de continuidade dos estudos em nível superior nas trajetórias de escolarização de um universitário amazonense

Os objetivos específicos foram: 1) conhecer os recursos sociopolíticos, institucionais e relacionais para o universitário imigrante 2) conhecer as adversidades da trajetória do universitário imigrante; 3) conhecer as estratégias de enfrentamento presentes nessa trajetória; 4) compreender os sentidos atribuídos pelo sujeito às vivências decorrentes da trajetória de deslocamento para realizar curso superior.

O trabalho teve como justificativa a relevância dos aspectos históricos da luta por direitos para constituição subjetiva e social, a necessidade de conhecermos as demandas e

inquietações dos jovens estudantes do ensino superior, bem como os desafios colocados na contemporaneidade ao acesso, permanência e conclusão com sucesso dos cursos de graduação. Particularmente no estado do Amazonas, as condições de vida de indígenas, negros, ribeirinhos e outros povos e comunidades demandam nossos esforços para a superação da invisibilidade sob a qual existem. Para isto, é fundamental a participação dos estudantes, enquanto protagonistas, na definição de um espaço universitário que amplifique suas vozes e promova seu acesso a novos projetos de educação capazes de alcançar a democracia e fomentar relações dialógicas entre as diferenças, além de percorrer os caminhos da equidade nos processos de ensino-aprendizagem, o qual se oriente à promoção e ao desenvolvimento dos conhecimentos locais e regionais (SILVA, PEDROZA & URNAU, 2018).

A garantia de qualidade do ensino implica no acompanhamento das demandas da região para a melhoria de vida dos amazônidas, atendo-se às especificidades das relações que são produzidas pelos estudantes em suas trajetórias de escolarização. O esforço para entrar na universidade pública, as transições culturais e de atuações nas instituições em que passam a se inserir são eventos determinantes nesse contexto. Assim, importa estudar os processos de resiliência que os jovens universitários dispõem, pois são eles que traduzem a capacidade de enfrentamento das adversidades e a superação delas, entendendo que a mobilidade estudantil aqui tangida impõe aos estudantes uma série de situações que se configuram adversas (MELILLO, 2007).

Destaco que esta pesquisa se insere no projeto “Os significados das trajetórias de escolarização de jovens estudantes amazônidas” realizado através do Programa de Cooperação acadêmica, financiado pelo PROCAD Amazônia – 2018, entre UFAM, Universidade de Brasília (UnB) e Universidade Federal de Rondônia (UNIR) (SILVA, PEDROZA & URNAU, 2018).

Enquanto pesquisadora inscrita no Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI/UFAM), da linha de processos psicossociais, e membro do Laboratório de Intervenção e Desenvolvimento Comunitário (LABINS/UFAM), minha implicação com este estudo está no comprometimento com o povo amazônida, povo o qual integro, com nossas demandas, dificuldades, potencialidades e com a produção científica de e para a realidade do Amazonas.

Esta dissertação está estruturada da seguinte forma, a partir deste texto introdutório: uma seção voltada para a articulação entre as políticas de ensino superior no Brasil, a questão migratória no Amazonas e reflexões a partir da Psicologia Social Crítica; uma seção dedicada ao caminho percorrido para realização da pesquisa (percurso metodológico); uma seção

dedicada aos resultados e discussões a partir da narrativa da trajetória de “Flor de Maracujá”; uma seção onde teço as considerações finais deste estudo, seguida das referências, apêndices e anexos.

Imagem 2⁶

2 MIGRAÇÃO E ENSINO SUPERIOR NO AMAZONAS: QUESTÕES REGIONAIS E A RESILIÊNCIA

⁶ Registrado por Flor. Uso autorizado.

“Mudamos de estilo relacional quando trocamos de amigos. Alteramos de projetos quando mudamos de meio. É claro, a mudança se faz a partir do que já se era. É uma inflexão, não é uma metamorfose, mas é o suficiente para alterar o curso de nossa existência.”

BORIS CYRULNIK

Esta seção tem por finalidade levantar aspectos que caracterizam a realidade amazônica no que diz respeito ao fluxo migratório de jovens como alternativa de continuidade na escolarização em nível superior. Traz aspectos históricos gerais sobre o Ensino Superior no Brasil, discorre sobre a migração como forma de deslocamento, ideias norteadoras a partir de autores e teóricos identificados com a vertente histórico-cultural da Psicologia, concluindo com a articulação do tema ao conceito de resiliência na perspectiva crítica adotada no estudo.

2.1 A QUESTÃO DA MIGRAÇÃO EM FACE DO ENSINO SUPERIOR E O CONTEXTO AMAZÔNIDA

A concentração de universidades nas grandes cidades e capitais é historicamente testemunhada no Brasil. Até o século XX o ensino superior esteve substancialmente nos grandes centros urbanos, sendo a descentralização assistida somente a partir do século XXI, quando começaram a ser construídas instituições de formação em nível superior no interior de muitos estados brasileiros. Contudo, esse movimento, impulsionado por políticas de expansão e interiorização do ensino superior nas últimas décadas, não foi suficiente para que a migração para fins de estudo universitário não deixasse de ser tanto uma necessidade para muitos, quanto um desafio de grandes proporções (REISDORFER, 2017). Afirmção semelhante é apresentada por Silva, Pedroza e Urnau (2018), no tocante da migração aos grandes centros urbanos ser uma estratégia de busca por melhores condições de educação.

O cerne da questão levantada não é frear as migrações, mesmo porque o fluxo migratório para fins de escolarização ou em busca de condições de vida mais favoráveis, é reconhecido na esfera dos direitos humanos em contexto global, tal como apresentam Clennon e Sampaio (2020). Interessa reconhecer que muitas das migrações ocorrem como única estratégia possível e, em grande parte, tendo os migrantes submetidos a condições de grande sofrimento.

Deslocamentos necessários para a realização de um curso superior ainda são bastante expressivos no contexto universitário brasileiro, sendo importante à Psicologia Social integrar-se aos estudos dos processos psicossociais imbricados neste fenômeno.

Em tese de doutoramento, Oliveira (2014) analisa as dinâmicas migratórias na Amazônia contemporânea e afirma que Manaus se destaca como principal destino de migrantes na Amazônia, tendo nas últimas décadas sofrido acelerado crescimento, que culminou, entre outros aspectos, na instalação de graves problemas de ocupação do espaço urbano. Neste trabalho, a autora pontua que o fluxo migratório na Amazônia exige leituras e políticas adequadas à realidade local, e destaca que dentre os movimentos migratórios observados na região está o inter-regional, que contribui para a grande concentração de pessoas na cidade de Manaus.

Faço menção ao deslocamento inter-regional por delinear aqui uma proposta de pesquisa que busca conhecer os movimentos migratórios intrarregionais face à busca pela graduação no ensino superior. O trabalho de Oliveira (2014) é uma produção rica e profunda a respeito do tema das migrações na Amazônia, mas não aborda a relação desta com as trajetórias de escolarização. Obviamente que isso não diminui a importância do material - a própria autora em sua tese escreve que espera que haja desdobramentos e aprofundamentos do tema, mas corrobora a existência de um espaço dentro da temática a ser investigado.

Consultada a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFAM, pude observar que das 157 dissertações defendidas no Programa de Pós-Graduação em Psicologia até junho de 2021, nove (09) dissertações tem como foco ‘universitários’ (SANTOS, 2021; BORBA, 2018; SANTOS, 2019; SOUZA, 2018; FLOR, 2017; LEMOS, 2015; PESSOA, 2014; BARBOZA, 2013; OLIVEIRA, 2013), sendo cinco (05) trabalhos vinculados à linha Processos Psicológicos e Saúde e quatro (04) vinculados à linha Processos Psicossociais. Quanto à temática das ‘migrações’, há somente duas (02) dissertações (SILVA, 2019; SOUZA, 2015), ambas vinculadas à linha Processos Psicossociais, enfocando imigrantes internacionais no contexto amazonense. Assim, em termos de produção em Psicologia no único programa de Pós-graduação stricto senso do Amazonas, não havia, até o momento de realização desta pesquisa, nenhum trabalho que articulasse ‘universitários’ e ‘migrações’, nem mesmo fenômenos de migrações e deslocamentos intrarregionais.

Dias (2016) argumenta que a mobilidade estudantil para o ingresso no ensino superior acarreta profundas mudanças psicossociais na vida do jovem que se desloca, mas também em toda a rede social, merecendo, portanto, atenção da Psicologia. Dentre as mudanças que se entende possíveis em decorrência dos movimentos migratórios, está a que ocorre na identidade.

Mudar de lugar implica em trocas culturais - tanto quem sai quanto quem recebe os que migram são modificados pela permeabilidade identitária que o encontro promove, como característica própria dos fenômenos complexos. Quem se desloca leva consigo sua cultura e ao entrar em contato com outras culturas, tem seu repertório sociocultural alterado assim como altera o do outro (DIAS, 2016). A respeito dessa mutabilidade, Ciampa (2001) sinaliza que “podemos imaginar as mais diversas combinações para configurar uma identidade como uma totalidade. Uma totalidade contraditória, múltipla e mutável, no entanto, una. Por mais contraditório, por mais mutável que seja, sei que sou eu que sou assim, ou seja, sou uma unidade de contrários, sou uno na multiplicidade e na mudança” (CIAMPA, 2001, p. 61).

Sendo a Amazônia caracterizada por uma biodiversidade de ambientes e paisagens, mas não somente, pois também tem a diversidade impregnada na formação social e cultural dos seus povos, o que proponho é que mesmo nos deslocamentos internos (dentro do próprio estado) estamos falando de transformações identitárias. Nossa cultura, nossos modos, comportamentos, são herança do indígena, do europeu e do negro africano e se expressam em todas as relações que o amazônida estabelece no cotidiano (FRAXE et al, 2009). Sendo assim, o jovem migrante em Manaus, que busca na capital a formação universitária, traz consigo padrões de relações aprendidas pela cultura de seu município de origem, e ao adentrar nos espaços da universidade, que é plural e multicultural, tem sua identidade modificada assim como modifica a dos demais acadêmicos. Ou seja, a formação da identidade se dá continuamente pelo movimento, no devir humano, considerando sua natureza social e histórica: “Identidade é movimento, é desenvolvimento do concreto. Identidade é metamorfose” (CIAMPA, 2001, p. 74).

Aprofundando a questão da manutenção dos vínculos, há de se dizer que o migrante mantém consigo índices que mantêm sua noção de pertencimento ao lugar de origem. Ele resiste ao desligamento, guardando meios de vinculação com o lugar, pessoas, símbolos que caracterizam o local de partida. E nesse movimento, estão presentes relações de poder que, na teia das interações em rede, serão descobertas, enfrentadas ou não, a depender das condições impostas a todos os lados (DIAS, 2016).

Essas afirmativas estão, pois, alinhadas à compreensão vygotskyana, de que o desenvolvimento humano acontece de forma gradual, articulando fatores internos e externos que progridem para níveis de complexidade cada vez maiores. Assim, a compreensão do autor a respeito do desenvolvimento se alinha perfeitamente com este estudo, uma vez que para ambos o ser humano é entendido na sua singularidade enquanto um sujeito histórico-social, que se constitui através das relações sociais. González-Rey aponta para o aspecto interconstitutivo e dialógico que marca a relação do sujeito com os outros.

Compreendida essa mutualidade, pretendo discutir a migração na interconexão do partir e do chegar, do abandonar e do manter, do transformar e ser transformado, do sofrer e do resistir. É à luz dessas combinações que pretendo traçar o estudo dos fluxos migratórios para cursar a graduação universitária e seus componentes psicossociais.

Acerca dos deslocamentos de jovens a partir dos municípios do interior do Amazonas para a cidade de Manaus que visam continuidade nos estudos, muitos são os fatores que se apresentam: a pluralidade interétnica, a diversidade cultural, as possibilidades (ou não) de escolha do curso, as condições do deslocamento, entre outras. Do total de 62 municípios, apenas 9 possuem ligação com a capital via terrestre - nem sempre em boas condições de segurança; os demais todos exigem horas de viagens de barco, pois o acesso é em sua maioria por via fluvial. Sobre a questão da escolha, teoricamente os processos de expansão e interiorização do ensino superior significariam equidade no acesso às universidades, mas essa não é exatamente a realidade, uma vez que os estudantes da zona rural se veem impelidos à mobilidade estudantil ante a pouca variedade de cursos disponíveis nos Campi do interior, geralmente marcados por cursos de pouco prestígio acadêmico/profissional (DIAS, 2016; REISDORFER, 2017). Realidade essa que é também marca dos fluxos migratórios vividos por jovens amazonenses que chegam à UFAM, na cidade de Manaus, para cursar uma graduação no ensino superior.

Essa contextualização do fenômeno leva a outro fator muito importante: a exclusão, ou traçando um paralelo com o que propõe Sawaia (2001), a inclusão perversa. Sociólogos que pesquisam os fluxos migratórios estudantis apresentam as formas marginais de inserção de estudantes no ensino superior, levantando o debate em torno da tese dos excluídos do interior, ou melhor dizendo, das práticas mais sutis da exclusão (BOURDIEU; CHAMPAGNE, 2001 *apud* ZAGO, 2006). Minha leitura caminha na direção da política de expansão e interiorização do ensino superior marcado pela iniciativa privada, pelas poucas opções de cursos, pela baixa qualidade do ensino, como mecanismos do sistema capitalista de reproduzir e sustentar o *status quo*, quer seja ele de servidão, alienação dessa parcela da população que vive no interior e que, ainda que subverta buscando formas de enfrentar as adversidades, está envolta numa teia que a inclui excluindo.

Ressalto aqui que essa é uma temática com outras questões muito importantes de serem discutidas, as quais pretendo alcançar com o decorrer do investimento que me proponho a fazer de investigação dos deslocamentos estudantis para fins de acesso ao ensino superior.

2.2 AS ADVERSIDADES DO ENSINO SUPERIOR E A RESILIÊNCIA

Na literatura, a trajetória universitária é definida por seu potencial estressor. Promove significativas mudanças na vida dos jovens, as quais, nos anos iniciais, estão ligadas aos desafios associados aos contextos acadêmico, social, pessoal, institucional e vocacional. São desafios em torno do novo ritmo de estudo, do sistema de avaliação, das regras burocráticas da universidade, do desenvolvimento de uma identidade profissional, do comprometimento com a formação acadêmica, dos novos padrões de relacionamento com a família, professores, colegas e figuras de autoridade, que podem ainda atuar no processo de adaptação ao ensino superior (CARLOTTO et al., 2015).

Essa inserção no ensino superior, como mencionado, envolve uma transição que abre espaço para uma série de repercussões ao desenvolvimento psicológico dos jovens. Assim, há de se falar que dentre os desafios que se impõem, estão também aqueles de natureza cognitiva e afetiva. A lista de possibilidades em termos de dificuldades é extensa: vários autores sinalizam a importância das relações interpessoais na superação delas. Desta forma, a entrada no ensino superior representa vulnerabilidade, pois altera os padrões relacionais estabelecidos até então. Representativo disso é o caso dos jovens que para ingressar na universidade precisam se distanciar da família devido a saída de casa (PESSOA, 2014). Trata-se da realidade que este estudo se propôs a conhecer.

Através de revisão de literatura, verifiquei que muitos estudos apontam para a saúde mental dos estudantes universitários em relação à permanência e conclusão do curso de graduação. Neste balaio, a maior parte deles se dedica à compreensão do estresse, ansiedade e depressão entre os jovens universitários. A migração, tema desta dissertação, reconhecida como um dos desafios que desenham a entrada no universo acadêmico, é citada como uma situação que pode acompanhar condutas nocivas à saúde, a exemplo do uso de drogas (BORBA, 2018).

Contudo, nem só de dificuldades está marcada a entrada no ensino superior. Este período também guarda as possibilidades de desenvolvimento de competências acadêmicas e pessoais, as quais podem funcionar como mecanismos de resiliência. Compreendida enquanto um construto que abriga várias definições, ainda que a maioria delas convergentes entre si, o conceito de resiliência adotado nesta dissertação é o apresentado por Cyrulnik e Cabral (2015). Os autores a definem enquanto movimento ativo que visa romper a cadeia de repetições imobilizadoras instaurada por traumas ou condições adversas crônicas e, a partir deste movimento, o sujeito, utilizando-se do circuito relacional, consegue instaurar um campo de forças favorável e potente para libertar-se do sofrimento e do isolamento.

Essa capacidade deve ser entendida em face de processos sociais e intrapsíquicos, pois ela não é inata: Ao contrário, nasce do processo interativo entre os seres humanos. As interações – incluindo aí o próprio circuito relacional e os aspectos culturais. São muitos os modos de existência, em especial em países com a desigualdade sócio-econômica do Brasil, que revelam exposições massivas de grupos e indivíduos a situações de desamparo social, gerando desde ‘microtraumas cotidianos’ até severos processos de desenraizamento e sofrimento, os quais são agravados pela banalização e pelo sentimento de impotência provocado diariamente por adversidades diversas.

Ojeda (2005), um dos difusores do conceito de resiliência comunitária, encontra base em sua teoria junto às comunidades latino-americanas, cuja tradição de solidariedade social corresponde a um esforço coletivo para responder as situações adversidades que vivenciam. Essa tese reforça a importância do pertencimento em detrimento de isolamento social. Analogamente, Cyrulnik (2004, 2005) diz que a restrição social e afetiva impede usufruir de mecanismos que o meio relacional e os elementos culturais proporcionam para fortalecer recursos resilientes. Para o autor “vínculo e sentido são duas palavras que permitem a resiliência” (CYRULNIK, 2005, p.5), atuando como os dois pilares para a elaboração do sofrimento.

Sobre os sentidos, vale destacar que estes se constroem mediados pela linguagem nas relações, nas tramas intersubjetivas, no compartilhamento de experiências, significados e elementos culturais. Distante de sua cultura ou sendo negados elementos significativos que conferem sentido à vida, jovens que migram podem se deparar com fatores a mais de fragilização subjetiva.

Assim, dependendo das situações vividas e do entorno, pode-se experimentar maior ou menor grau da capacidade resiliente. Essa é, portanto, a virtude da transdisciplinaridade entre o social e o psicológico que dá abertura à promoção da resiliência (MELILLO et al, 2007), afinal, “[...] sem acontecimento exterior, não há o que colocar no mundo interior” (CYRULNYK, 2013, p. 43).

A respeito das adversidades mais frequentes e importantes referentes ao processo de migração, Ravazzola (2007) destaca as adversidades sociais às quais o indivíduo é submetido sem apoio, tais como a diminuição de oportunidades para a participação ativa e positiva, a diminuição da confiança em resultados justos, desqualificação por ser diferente, perda de inserção escolar, carência de redes de apoio, e ausência de projetos, reconhecimento social, canais para comunicar as necessidades e valorização de contribuições sobre estigmatização, invisibilidade e exclusão social. A autora alerta, entretanto, para a não compreensão desses

fatores como causas lineares para consequências deficitárias. Esses são possíveis indicadores de adversidades em contexto de ausência de apoio, mas não são generalizáveis e automáticos. Pela definição de resiliência, a partir dos trabalhos franceses e latino-americanos, o que se defende é que nas relações estão recursos que despertam as competências e potencialidades humanas.

Ante o exposto sobre as situações adversas mais frequentes e sobre como se promove a resiliência, fica clara a relação desta teoria com o tema da pesquisa que proponho. Os acadêmicos migrantes, de acordo com a literatura, vivenciam inúmeros desafios desde a decisão de buscar uma vaga no ensino superior até a conclusão do curso, que envolvem distanciamento da rede de apoio, estigmatização e exclusão social, a exemplo. Desta forma, importam duas coisas: conhecer as estratégias de resiliência que constituem suas trajetórias de escolarização e oferecer espaço para o compartilhamento de suas narrativas. Isso porque crenças e narrativas compartilhadas fomentam sentimentos de coerência, colaboração, eficácia e confiança, que são essenciais para a superação de problemas, como os que derivam dos desafios de acesso, permanência e conclusão da graduação vividos por acadêmicos migrantes.

Esse *outro* insere na baila da tessitura desta dissertação o conceito de tutor de resiliência. Ora, se a presença do *outro* confere a possibilidade da promoção da resiliência frente a uma situação adversa, é preciso falar desse outro. O tutor de resiliência é entendido enquanto um elemento mediador que orienta ou sustenta os processos resilientes, sendo, em geral, aquela pessoa que, independentemente do vínculo familiar, consegue estabelecer uma relação íntima e segura com o sujeito em vulnerabilidade. O tutor aceita e valoriza verdadeiramente. (MELILLO et al, 2007). A esse respeito Cyrulnik (2013, p. 200) expressa a tonalidade de um encontro:

Cada encontro nos modifica, mas não encontramos ao acaso. Eu não encontrei o pedreiro que me dizia que só moças e maricas estudam, cruzei com ele, só isso. Ele me surpreendeu, mas não convenceu. Não foi um encontro, pois ele não me desviou do meu caminho. Ele não deixou uma marca em mim [...].

A relação do construto da resiliência com esta pesquisa está posta na medida em que interessa conhecer quais são os fatores adversos experimentados pelos participantes do estudo, como se constroem e quais são as estratégias de resiliência que utilizam no enfrentamento e na superação das dificuldades que a migração lhes impõe, ao passo que também se adianta o interesse pelos tutores de resiliência que compõem suas trajetórias de escolarização na graduação.



Imagem 3⁷

30 CAMINHO PERCORRIDO – NARRANDO O PERCURSO METODOLÓGICO

⁷Lago Superior. Google Imagens.

“A relação entre subjetividade social e individual é bem mais complexa e contraditória, por meio da qual o comportamento do indivíduo se expressa com diversas contradições entre suas necessidades individuais e sociais, nas quais deve atribuir sentido para manter seu desenvolvimento pessoal no meio de sua expressão social.”

GONZÁLEZ REY

Este estudo, em convergência com a pesquisa “Os Significados das Trajetórias de Escolarização de Jovens Estudantes Amazônicas”, (SILVA; PEDROZA; URNAU, 2018), também se dedicou a um aprofundamento em narrativas de si, valorizando a perspectiva do sujeito a partir do modo em que apresenta sua experiência. Adotei como proposta da pesquisa um estudo de caso. Em pesquisas qualitativas que abordam um único caso, mas tem como base entendimento complexo da realidade social e humana em bases dialéticas, compreender a singularidade do indivíduo, não implica em descolar sua história e subjetividade do contexto social, uma vez que a experiência e a vivência se constroem em dimensão coletiva, contextualizada, pois, pela cultura (MINAYO, 2012). A escolha por apresentar um único caso também acompanha o delineamento do projeto maior, o qual propunha em cada instituição pesquisada, a escolha de um número reduzido de participantes, já que o propósito não consiste exatamente em extrair de um amplo universo de sujeitos, regularidades ou correlações.

O estudo se caracteriza como pesquisa de campo. O componente empírico é a experiência que se dá a conhecer no campo. É essa experiência que, articulada à teoria e à subjetividade de quem pesquisa (pesquisador e participante da pesquisa), resulta no conhecimento produzido ao longo do processo. A teoria é, pois, a lente que possibilita adentrar no caráter reflexivo do processo. A respeito da dimensão teórica que embasa os procedimentos metodológicos, a pesquisa seguiu os delineamentos das pesquisas em Ciências Sociais e da Psicologia Social Crítica, privilegiando a uma compreensão emancipadora, transformadora e provocadora de processos dialéticos, tratando, pois, de modo indissolúvel trajetórias de vida individuais e os processos históricos-sociais.

Segundo Minayo e Guerreiro (2014), o trabalho de campo na pesquisa social coloca a necessidade de compreender o fenômeno ao mesmo tempo em que o pesquisador compreende a si mesmo, já que entra numa relação de intersubjetividade com o participante. Assim, “o trabalho de campo não é um exercício de contemplação. Tanto na observação como na

interlocução com os atores o investigador é um ator ativo, que indaga, que interpreta, e que desenvolve um olhar crítico” (MINAYO, 2012, p. 624). Neste sentido, encontramos na proposta de Fernando González Rey (2005), um suporte teórico-metodológico-epistêmico para o estudo.

Nos pressupostos da Epistemologia Qualitativa, Gonzalez Rey (2005) considera que o conhecimento é uma produção resultante de um processo interpretativo a partir de informações compartilhadas num espaço relacional, por meio de instrumentos escolhidos pelo pesquisador. Longe das perspectivas que consideram ser possível apreender a realidade tal como é, o autor diz que o valor da pesquisa está no campo inter-subjetivo em que os sentidos, tanto do informante quanto do pesquisador, são constituídos e transformados. Este tipo de abordagem se conecta com as bases teóricas que adoto em todo o estudo, bem como com os princípios e propósitos de uma sociedade democrática, vez que através delas os pesquisadores assumem compromissos de cidadania com seu objeto de estudo, que é sempre sujeito (MINAYO; GUERREIRO, 2014).

Cumprir trazer ao registro do processo que, inicialmente, postulei trazer trajetórias diversas, reunindo jovens universitários com diferentes experiências, vinculados a diferentes cursos e em diferentes momentos de sua formação. Além da escuta individual, tinha em mente a realização de um grupo focal onde as diferentes experiências pudessem ser compartilhadas. Todavia, com as drásticas mudanças decorrentes da Pandemia da COVID-19 em 2020, ajustes foram necessários para assegurar, antes de tudo, a segurança das pessoas envolvidas – participantes e pesquisadores -, e, de modo ético e responsável com o coletivo, não contribuir para possíveis aumentos de transmissão e circulação do Novo Coronavírus respeitando as normas de distanciamento social. Assim, submetidas e aprovadas propostas de adequação metodológica ao Comitê de Ética e Pesquisa da UFAM - Parecer: 4.082.840 (ANEXO A), apresento a seguir os aspectos operacionais que efetivamente compuseram o estudo.

3.1 CONHECENDO OS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Define o projeto de pesquisa “Os Significados das Trajetórias de Escolarização de Jovens Estudantes Amazônidas”, (SILVA, PEDROZA, URNAU, 2018, p. 4), que “Serão participantes da pesquisa estudantes da UFAM e UNIR pertencentes a comunidades ribeirinhas, comunidades indígenas e comunidades urbanas dos estados do Amazonas e Rondônia”, o que contemplava o interesse do presente estudo no levantamento demandas, inquietações, desafios para o acesso, permanência e conclusão dos cursos de graduação dos jovens estudantes que migram para Manaus visando a formação superior. A faixa etária foi definida em consonância

com o Estatuto da Juventude, que considera jovens as pessoas com idade entre 15 e 29 anos (BRASIL, 2013).

Alguns caminhos foram utilizados para identificar e convidar possíveis participantes: convite direto a estudantes de graduação nas unidades acadêmicas frequentadas pela equipe de pesquisadores do LABINS, indicação através do método *snowball* e acesso a respostas no Questionário "Aspectos Socioeconômicos e Trajetória Acadêmica de Estudantes do Ensino Superior" desenvolvido por membros PROCAD (2018) vinculados à FAPSI/UFAM para autopreenchimento através do *Google Forms*. Por meio destas estratégias, foi possível identificar estudantes com o perfil desejado, a saber:

- a) Ser universitário matriculado em curso de graduação da UFAM com sede em Manaus;
- b) ter entre 18 e 29 anos;
- c) ter trajetória de deslocamento de municípios do Amazonas para Manaus com fins de continuidade dos estudos em nível superior.

Considerada a disponibilidade de participação e trajetória estudantil com tempo considerado amplo para abrigar uma extensa variedade e/ou qualidade de experiências no universo acadêmico, o qual tem como um de seus organizadores os semestres letivos, a equipe do LABINS selecionou, a princípio, 2 participantes, sendo um homem e uma mulher. A jovem foi a escolhida para a realização do estudo dado o contexto abrangente que sua narrativa compreendeu, reunindo aspectos que foram por mim vistos como de grande contribuição para o presente estudo, ainda que outros jovens com histórico de migração continuem a constar nos registros do LABINS como participantes potenciais para outras pesquisas em andamento, com universitários com o mesmo perfil.

A estudante passa, a partir de agora, a ser chamada pelo nome “Flor de Maracujá”, cuja escolha foi feita por ela própria. Do ponto de vista étnico, se autodefine enquanto parda, possuía 24 anos e se encontrava cursando os semestres finais de sua formação à época da entrevista. É natural de um município do interior do Amazonas situado na calha do Rio Negro e mudou para Manaus especificamente para cursar a graduação em Psicologia na UFAM, no período noturno. O aprofundamento à história de Flor de Maracujá será dado na seção de resultados, como parte do estudo de caso.

Como a pesquisa é entendida na perspectiva de construção em contexto inter-subjetivo, apresento como participantes deste estudo também a mim mesma, amazonense, mulher, Psicóloga desde 2009, egressa do mesmo curso de graduação ao qual Flor de Maracujá vinculasse, servidora pública da SUSAM, onde atuo como psicóloga do Serviço de Saúde Preventiva

na Fundação de Vigilância em Saúde (FVS) do Amazonas Dra. Rosemary Costa Pinto. Outros participantes integraram o grupo de pesquisadores a professora e psicóloga Cláudia Regina Brandão Sampaio, orientadora desta pesquisa e do LABINS, e o graduando de Psicologia, auxiliar de pesquisa, Armando Célio Bendelak de Amoedo Júnior.

3.2 DESCREVENDO O INSTRUMENTO E OS PROCEDIMENTOS DO CAMPO

O projeto inicialmente previa a utilização de vários instrumentos de pesquisa, seguindo a perspectiva multimétodos. Iria integrar o uso do questionário socio-demográfico mencionado anteriormente, dois tipos de entrevistas individuais e grupo focal. Contudo, os ajustes culminaram na utilização de um único método - a **entrevista individual do tipo narrativa aberta** (APÊNDICE A).

Utilizei como referência a síntese de Jovchelovitch e Bauer (2008) como entendimento e orientação para realização da entrevista narrativa. A riqueza e adequação defendida pelos autores para o uso desta técnica é que, segundo os mesmos, “[...] não há experiência humana que não possa ser expressa na forma de uma narrativa” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2008, p. 91). É inspirada no ato cotidiano comum de contar e escutar histórias: pesquisador e informante estabelecem uma relação, onde o primeiro encoraja o segundo a falar sobre algum acontecimento. No caso específico deste estudo, a história de sua vida.

A história é narrada na perspectiva do que é real para quem conta, por isso não existem narrações certas ou erradas. Elas já são, em si, formas de interpretar e até mesmo construir a realidade na perspectiva subjetiva. A subjetividade aqui não implica em uma dimensão interna e fechada do indivíduo, já que nessa perspectiva, são sempre constituídas nos contextos histórico-sociais (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2008).

O instrumento também se coaduna com o referencial teórico adotado sobre resiliência na perspectiva de Boris Cyrulnik (2004; 2005). A narrativa é um recurso utilizado por todos nós. Através do ato de narrar, construímos sentido para os acontecimentos da nossa vida. Através da possibilidade de narrar os eventos de vida, lhes atribuímos sentido, organizando nossas ações e reações, bem como o planejamento e a expectativa do futuro (CYRULNIK, 2015, p. 6). Para o autor, a função das narrativas é organizar a história de vida em sentidos, que se transformam e se reconstróem continuamente.

Narrar, reconstruir e revisitar a história, possibilitam organizar visão mais clara dos acontecimentos, pois a narração permite que seja iniciado um trabalho de resiliência, a medida em que se esclarece o mundo e a ele se é dada coerência. Ela conduz à reintegração de um eu

dilacerado. Isso porque é a impossibilidade da comunicação verbal do trauma que impõe a vulnerabilidade; logo, estar apto a elaborar uma representação verbal de uma vivência dolorosa, tendo a quem dirigir o relato, facilita o domínio das emoções e da capacidade de superação, uma vez que os dois fatores de proteção mais valiosos são o vínculo seguro e a verbalização (CYRULNIK, 2005; 2013).

Na perspectiva de Cyrulnik (2005), é possível identificar o caráter construtivo e interventivo da pesquisa sinalizado por González Rey (2005). Para este último autor, não existe neutralidade na pesquisa. Ainda que não tenha sido objetivo em si da pesquisa produzir uma intervenção, partilho do entendimento de que pesquisar é ativar movimentos, transformar e transformar-se. Investir nas narrativas desses jovens a respeito das suas trajetórias de escolarização marcadas por fluxo migratório também pode ser justificada vez que

Quando, em um grupo, se compartilha um mesmo relato, cada um é tranquilizado pela presença do outro. Contar a mesma história, acreditar nas mesmas representações, cria um sentimento de grande familiaridade. É por isso que os relatos compartilhados, os mitos relatados, as preces recitadas lado a lado são excelentes tranquilizantes culturais (CYRULNIK, 2013, p. 155).

A entrevista com Flor de Maracujá foi realizada através da plataforma Google Meet em dia e horário acordado entre a equipe de pesquisa e a jovem universitária e teve a duração de 1 hora e 50 minutos. Iniciou com a leitura e apresentação em slide do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (APÊNDICE B) e a autorização da aluna para a gravação dela. Foi feita a solicitação inicial: “conte-me sua história de vida”. Durante a entrevista, evitando direcionamentos. Após o término da fala autogerada ou *coda*, foram feitas perguntas não diretivas para aprofundar aspectos da história narrada, como propõem Jovchelovitch e Bauer (2002). O conteúdo da entrevista foi transcrito para a análise posterior.

3.3 MÉTODO DE ANÁLISE DA ENTREVISTA – PRIVILEGIANDO O CONHECIMENTO PROFUNDO DA EXPERIÊNCIA

A análise das narrativas não ocorre de forma linear; ela se realiza num constante ir e vir no material produzido/analísado, deixando evidente seu caráter dialógico. Na análise interpretativa se buscará identificar os indicadores de sentido a partir do objetivo proposto na pesquisa para, em seguida, interpretá-los e reuni-los em categorias. O tratamento segue os seguintes passos: escuta flutuante/inicial para familiarização com o conteúdo; a) leitura material

transcrito; b) a definição da unidade analítica; d) a organização das enunciações em temas e subtemas. Ou seja, a partir do conteúdo da entrevista, serão construídas categorias com o propósito de agregar significados acerca das concepções e crenças sobre sua trajetória de migração para a continuidade da escolarização no ensino superior em nível de graduação.

Integrando ao procedimento de análise a proposta de González Rey que tem como um dos pressupostos da pesquisa qualitativa o caráter construtivo interpretativo do conhecimento e o diálogo no espaço inter-subjetivo como eixo central, de onde emergem as zonas de sentido (REY, 2005), o que pode ser entendido como as categorias, termo utilizado anteriormente, ou núcleos de análise.

O diálogo entre pesquisadores e participante não se esgotou na entrevista em si. O empírico deste estudo incluiu contatos posteriores que tive com Flor de Maracujá tanto pela necessidade ética de que conjuntamente pensássemos e decidíssemos sobre os conteúdos e forma de apresentar sua narrativa, por se tratar de um estudo de caso. Os momentos de diálogo foram ricos, favorecendo que emergissem processos subjetivos e inter-subjetivos, tal como sinaliza Gonzalez Rey (2005). Ainda para o autor, esse processo é chamado de cenário da pesquisa, que inclui todo o conjunto de contatos institucionais e interpessoais que servem como informação para a pesquisa, considerando os momentos anteriores e posteriores as entrevistas.

A dinâmica relacional que foi se estabelecendo, levou ao desdobramento de processos e procedimentos de pesquisa não previstos anteriormente, como a instauração de sistemas conversacionais, onde, de acordo com Gonzalez Rey (2005) a relação entre pesquisadora e participante assume uma configuração de autenticidade e naturalidade, a meu ver, rara em pesquisas centradas em entrevistas semi-estruturadas, por exemplo. Outro aspecto a ser destacado foi o que chamo de ‘variação da entrevista móvel’. No projeto de Silva, Pedroza e Urnau (2018), foi proposto como uma possibilidade de realizar as entrevistas narrativas, a entrevista onde os participantes levam o entrevistador a locais que estão integrados ou são significativos à sua história. Nos contatos remotos que mantivemos após a entrevista ter sido realizada, Flor de Maracujá ‘levou-me’ ao seu município de nascimento, me apresentando cenários, contextos em imagens enquanto narrava outros pontos de sua história, complementando ou comentando alguns pontos.

Dada o caráter rico e complexo do trabalho de análise, também nos procedimentos de análise recorri aos escritos de Boris Cyrulnik, que considera que cada pessoa atribui um significado a um fato, que depende da sua história pessoal. Para o autor, isso significa que cada indivíduo constrói memórias, discursos diferentes, ao passo em que destaca que é o contexto que atribui significado ao acontecimento, vez que sem evento exterior não há o que colocar no

mundo interior (CYRULNIK, 2013). Em síntese, todas formas de análise aqui apresentadas, se prestam às entrevistas narrativas, além de terem em comum o fato de apontarem para a complexidade, multicausalidade, dialogicidade das construções verbais. Por isso se completaram e se justificaram.

3.4 LOCAL

O estado do Amazonas é o maior da federação. À ele também se associa o conceito de “vazio demográfico” devido à baixa taxa de ocupação na relação entre população e quilômetros quadrados (ALMEIDA, 2008). Este conceito é passível de muitas críticas, principalmente porque, além de invisibilizar a população local considerando menos significativa em análises que sugerem desenvolvimento tendo por base expressões numéricas, não considera os modos de vida das populações tradicionais que possuem outra relação com o espaço, dentre as quais encontra-se a maior concentração de etnias indígenas, além de ribeirinhos e quilombolas. Uma característica inegável do Amazonas é a distância e condições de acesso entre os municípios e localidades onde há agrupamentos e comunidades,

Com seus 62 municípios, suas características geográficas particulares, de complexo acesso e comunicação não só entre os municípios internamente, mas também entre os demais estados do país, devem-se em parte à uma de suas maiores riquezas e manutenção dos modos de vida locais: sua bacia hidrográfica que constitui verdadeiros “caminhos de rios”. Com raras exceções, são difíceis, pra não dizer impossíveis as condições de conexões terrestres, sendo ainda escassa e onerosa a malha aérea que liga alguns dos municípios à capital ou a outros estados da região Norte. Manaus, a capital, conta com mais da metade da população de todo o estado e é nela que se concentra quase a totalidade dos cursos superiores. Além do próprio estado do Amazonas e a cidade de Manaus, a UFAM também é definido como local significativo da pesquisa, uma vez que a trajetória de Flor de Maracujá como universitária se vincula a esta instituição.

Embora tenha sido criada pela Lei Federal 4.069-A, de 12 de junho de 1962, a UFAM instalou-se somente três anos depois, em 17 de janeiro de 1965, ao completar 39 anos após a desativação da Universidade de Manáos. Enquanto fundação de direito público e mantida pela União, a Universidade recebeu a denominação de Universidade Federal do Amazonas (UFAM) por meio da Lei nº. 10.468, de 20 de junho de 2002. Seu objetivo contempla a prática do ensino superior e o desenvolvimento do estudo e da pesquisa em todos os ramos do saber, além da divulgação científica, técnica e cultural. Atualmente, ela está

composta por 18 unidades de ensino, entre institutos e faculdades, tendo a maioria dessas unidades administrativas e de ensino instaladas no Campus Universitário. No interior do Estado, a Universidade possui Campus em Benjamin Constant, Coari, Humaitá, Itacoatiara e Parintins.

Atualmente, a UFAM oferece 96 cursos de graduação e 39 de pós-graduação *stricto sensu* credenciados pela Capes, dos 31 cursos são de Mestrado e 8 de Doutorado. Em nível de Pós-Graduação Lato Sensu, são mais de 30 cursos oferecidos anualmente. No que se refere à Extensão, ultrapassam 600 os projetos que beneficiam diretamente a população, além de 17 grandes programas extensionistas. Entre os alunos dos cursos regulares de graduação ministrados em Manaus e no interior do Estado e dos cursos de graduação conveniados, a Universidade reúne mais de 20 mil estudantes. Nos cursos de Pós-graduação *Stricto Sensu* (mestrado e doutorado) e Lato Sensu são mais de 2 mil estudantes.

O curso no qual Flor de Maracujá tem sua trajetória universitária é Psicologia, o qual só é oferecido em todo o estado em uma universidade pública, a UFAM, e em faculdades particulares, todas em Manaus. O curso da UFAM completará 25 anos de sua criação em Agosto de 2021 e aguarda a finalização da construção de sua primeira sede própria, funcionando ao longo de mais de duas décadas em espaços negociados junto a outras unidades acadêmicas, buscando adaptar as condições que atendam minimamente as demandas técnico-administrativas, de pesquisa, extensão e ensino que desenvolve. A história do próprio curso no âmbito da UFAM, revela que os cursos também possuem ‘trajetórias’ de adversidades e que as mesmas certamente produzem impacto nas trajetórias dos alunos.

3.5 PRINCÍPIOS ÉTICOS

A pesquisa na qual este estudo está inserido - “Os significados das trajetórias de escolarização de jovens estudantes amazônidas” -, foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFAM e encontra-se registrada sob o CAAE 15366619.1.1001.5020, incluindo as adequações que sofreu por conta da Pandemia da COVID-19 (ANEXO A). Todos os princípios éticos de sigilo e cuidado foram devidamente resguardados, cumprindo-se as prerrogativas da Resolução nº. 466, que dispõem sobre as normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

Destacados os principais aspectos acerca do percurso metodológico do estudo, passo então a apresentar a história de Flor de Maracujá, à medida em que também diálogo com autores e teóricos rumo aos objetivos do estudo.



Imagem 4⁸

4 FLOR DE MARACUJÁ

⁸ Flor de Maracujá. Disponível em: <http://jardimciranda.com.br/wp-content/uploads/2019/04/IMG_0866-768x576.jpg>. Acesso em 16 de julho de 2021

*“Pintou o criador ao vivo nesta misteriosa flor
a lamentável tragédia da sua Paixão, a
coluna, os azorragues, os cravos, as chagas, a
coroa, o sangue, com tanta perfeição e viveza,
que por isso se chama a flor da Paixão,
porque como flor expirou o Salvador do
mundo no Monte Calvário.”*

FREI ROSÁRIO

De todas as vezes que imaginei as histórias com as quais poderia me encontrar para realizar este trabalho, em nenhuma delas pude alcançar a potência da narrativa que aqui está posta. Flor de Maracujá (IMAGEM 4) foi o pseudônimo escolhido pela própria entrevistada e desde já peço a paciência do leitor, pois, reservar-me-ei a oportunidade de só mais adiante retomar o simbolismo desta flor em relação à história de vida circunscrita à trajetória de escolarização que será discutida.

Antes, portanto, faço justo reconhecimento à riqueza às demais histórias ouvidas pela equipe de pesquisadores do LABINS durante as fases de entrevistas, mas ressalto que, para os objetivos deste estudo, a da Flor de Maracujá foi escolhida por apresentar uma complexidade singular, gerando assim, possibilidades de aprofundamento igualmente únicas.

4.1 PINTANDO A MISTERIOSA “FULÔ” (EM TUPI-GUARANI)

Mulher, 24 anos de idade, nascida e escolarizada em um município da calha do Rio Negro, parda, aluna do curso de Psicologia da UFAM, Flor de Maracujá narra sua história frisando, em momentos distintos, que a considera complicada e bagunçada. Sobre sua mãe revela que ela completou o Ensino Fundamental, teve três companheiros e seis filhos, dos quais cinco são mulheres e um é homem. A Flor de Maracujá é a primeira filha dos três que a mãe teve com seu pai, que é o terceiro e atual companheiro dela. A respeito da escolarização do pai, ela diz que apesar de lidar bem com os números, ele sabe escrever apenas o próprio nome. Os pais são agricultores e a mãe acumula ainda a função de merendeira numa creche. O relacionamento dos pais é marcado por várias separações devido ao comportamento violento do pai.

*Eu era aquela filha que se escondia com mais duas crianças enquanto os pais brigavam com terçado/machado e **torcia pra mãe sair viva**, sabe? [...] Hoje ele melhorou mais como pessoa [...]. [grifo nosso]*

Sabemos que a violência doméstica no Brasil passa, constantemente, por uma crescente em seus índices. Uma sociedade constituída a partir de um viés religioso e patriarcal, que sempre manteve a mulher em lugar subjugado, submisso, lida com esses reflexos diariamente, que muitas vezes saem do simbólico e vão para o físico.

No estado do Amazonas, por exemplo, uma recente reportagem publicada pelo G1 denuncia que o ano de 2020 apresentou alta de 34% nos casos de violência doméstica, conforme dados da Secretaria de Segurança Pública (SSP-AM)⁹. Oliveira (2020) elucida que tanto a promulgação da Lei Maria da Penha nº 11.340/2006 como demais leis iniciais foram dispositivos jurídicos significativos para a proteção da mulher na sociedade, apresentando alguma evolução nesse sentido. No entanto, por mais que sejam perceptíveis avanços na legislação brasileira, este que é percebido também numa perspectiva histórica e cultural, sabe-se que para o combate mais eficaz da violência doméstica no Brasil necessita-se de uma política nacional de violência contra a mulher mais ampla (OLIVEIRA, 2020).

Para revisitar sua trajetória de escolarização, Flor de Maracujá conta que o início da sua vida escolar foi prejudicado porque seus pais residiam no interior do município, interior esse em que até hoje não há luz elétrica, água encanada ou sinal de internet. Com muitos problemas de saúde, necessitava dos cuidados constantes da mãe, que acompanhava o marido na pesca e na venda do pescado.

Passsei muito tempo sem estudar, que era o tempo que eu vivia mais no interior, ribeirinha [...] uma boa parte da minha infância eu vivi mais no motor. [grifo nosso]

A Educação é um direito social básico, conforme indica o Art. 6, do Cap. II da Constituição Federal “Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.” Menciono a Constituição Federal por se tratar da carta magna que apresenta todos os nossos direitos como cidadãos e seres humanos no Brasil, e também para apresentar que o ideal de educação democrática, de acesso universal, ainda não é uma realidade para parte da população brasileira.

Flor de Maracujá esclarece em suas falas que sua vida escolar foi prejudicada por diferentes fatores: morar no interior, saúde fragilizada, falta de saneamento básico. Quando ela

⁹ Disponível em: <<https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2021/03/07/amazonas-tem-alta-de-34percent-em-casos-de-violencia-domestica-contra-mulher-na-pandemia.ghtml>>. Acesso em 16 de julho de 2021.

diz que passou parte da sua infância no “motor”¹⁰, quer dizer que passou a maior parte da sua infância acompanhando os pais no trabalho com a pesca, pelos rios das comunidades ribeirinhas de seu município. Essa é uma realidade vivenciada por muitos ribeirinhos no Amazonas. Conforme Pinto e Victória (2015, p. 24223) “A realidade das comunidades ribeirinhas no Amazonas está fortemente marcada pela dinamização da vida através do elemento da água, ou seja, na interação com o rio”.

Claro que a fala de Flor de Maracujá é de uma realidade “passada”, mas as dificuldades nas comunidades ribeirinhas ainda são notáveis em relação ao acesso à educação, de acordo com Pinto e Victória (2015). A respeito desses desafios e da complexidade realidade dos moradores dessas comunidades, Santos (2014) ressalta a dificuldade em torno do acesso à educação que reflita as suas especificidades sociais, econômicas, culturais e ambientes.

A partir do momento que a mãe passa a trabalhar como merendeira numa creche situada no município é que Flor de Maracujá passa a frequentar com regularidade a escola. Com a mãe e os irmãos residindo na casa da avó materna no município, e não mais no interior (para onde passaram a ir apenas nas férias), ela começa sua luta para recuperar o tempo fora da escola. Nesse processo a avó ganha especial destaque e a jovem revela sobre o acompanhamento que encontrou em casa para apoiá-la na educação formal.

A minha avó, ela é muito inteligente [...] ela sempre gostou de leitura, então quem me ensinou a ler foi a minha avó. [grifo nosso]

Essa educação formal foi realizada em escolas e centros sociais geridos pela Igreja Católica, através das freiras e dos padres Salesianos. As escolas sob a gestão da Igreja Católica ofertavam educação de qualidade e cobravam uma taxa das famílias. Tanto para as escolas quanto para os Centros Sociais onde Flor de Maracujá estudou e realizou cursos extracurriculares, para conseguir vaga o processo exigiu da família desde pedidos a pessoas influentes até madrugadas em filas.

A importância da avó para Flor é evidenciada na forma como ela a apresenta, de forma emblemática. Uma mulher de muita leitura e considerada inteligente, que também cuidava de Flor de Maracujá e ao mesmo tempo lhe dava condições físicas de moradia para se desenvolver

¹⁰ O termo “motor” é utilizado por pessoas no interior do Estado e na cidade de Manaus para denominar as embarcações típicas da região.

em vários aspectos. Pensando nas teorias do desenvolvimento e da importância do ambiente para o desenvolvimento psíquico saudável, seja lá o que for esse saudável.

A influência católica em diferentes aspectos da sociedade brasileira acontece desde o momento da chegada dos portugueses ao território brasileiro. Nos diferentes processos de colonização era possível perceber o poder exercido pela igreja católica, em que religião, política e economia sempre andavam lado a lado. A influência religiosa nas comunidades ribeirinhas é representada, especialmente, nas suas denominações, que são de Santos, estes assumem a figura do padroeiro do local, e conforme, aponta Pinto e Victória (2015) a região é caracterizada pela junção entre religião, cultura, sociedade e política.

O papel da Igreja Católica na narrativa da jovem vai além da educação formal e alcança com profundidade a formação moral dela. Conta, Flor de Maracujá:

Quando eu era novinha eu pensava em ser freira. Então eu era muito participativa na igreja. Fui coroinha, fui catequista, fui dos grupos de oração para as velhinhas.

Todo esse comprometimento religioso a levou a ser escolhida para representar, junto a outros jovens, seu município na Jornada Mundial da Juventude que aconteceu no Rio de Janeiro em 2013 e que foi para ela uma experiência muito significativa em relação à espiritualidade, além de ter sido a primeira vez que ela saiu daquele território. Foi também dentro da Igreja Católica que a jovem Flor sofreu uma das experiências mais dolorosas de sua vida: um abuso sexual praticado por uma figura do clero local. Revelando não ter condições de se manter praticante após a violação sofrida na igreja, Flor de Maracujá abandonou, por dois anos, a dinâmica religiosa adotada até então e foi ao encontro de outros espaços sociais ocupados pela juventude. Praticou aulas de teatro e se inseriu no ativismo político.

O relato de Flor nos leva a refletir acerca do papel que é dado aos membros da Igreja Católica no Brasil e no mundo. Não é recente a problemática relacionada aos abusos sexuais praticados por membros da Igreja, fator que culminou numa recente crise religiosa mundial, devido a denúncia de diversos casos de abuso cometidos por sacerdotes e demais funcionários da Igreja em países, como a Alemanha¹¹.

Penso que a igreja católica carrega essa duplicidade de aspectos: foi propulsora de novas realidades e potencializou a subjetividade e identidade de Flor de Maracujá, mas também

¹¹ Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/epoca/mundo/relatorio-revela-centenas-de-casos-de-violencia-sexual-em-diocese-alema-24930870>>. Acesso em 16 de julho de 2021.

golpeou de modo tal que se tornou insustentável permanecer ali. Essas duas “igrejas” podem coexistir dentro dela até hoje, pensando que a narrativa é dita por meio de algo que compõem os sentidos atuais dela, pode fazer sentido. Um sentido aqui complexo de dialógico.

O abuso sexual levou Flor de Maracujá ao seu primeiro contato com a Saúde Mental, vez que as consequências da violência impuseram a necessidade do cuidado ofertado pelo Centro de Atenção Psicossocial (CAPS). Sobre o acompanhamento que recebeu ali a jovem relembra, sem esconder a emoção, da psicóloga que foi sua terapeuta.

*Foi a primeira vez que eu adoeci, digamos assim; eu precisei de um **acompanhamento psicológico**. Eu considerei que a psicologia, o acompanhamento que a psicóloga fez [...] o primeiro contato foi a clínica, querendo ou não [...] o acompanhamento que ela fez comigo foi sensacional. **Eu me apaixonei pela profissão.** [grifo nosso]*

Desse encontro, entre duas pessoas e suas disposições afetivo-relacionais, onde uma figurava como profissional, a psicóloga, e a outra como paciente, a jovem Flor, do processo de recuperação das consequências da violência sexual sofrida se fez um projeto de vida: a menina decidiu ser psicóloga.

Há apenas uma solução para cuidar de uma pessoa traumatizada e acalmar os que estão à sua volta: compreender. Logo em seguida a um acidente, uma simples presença ou o ato de falar podem ser suficientes para dar segurança. Só mais tarde o trabalho da narrativa dará coerência ao acontecimento. As crianças que conseguiram tornar-se adultos resilientes são as que foram ajudadas a atribuir um sentido às suas feridas. O trabalho de resiliência consistiu em lembrar-se dos choques para torná-los uma representação de imagens, de ações e de palavras, a fim de interpretar a ruptura. p44

É importante retomar ao que Cyrulink apresenta como resiliência e sobre o encontro; dos encontros que deixam marcas no outro pelo valor de referência afetiva. Cyrulink (2013) revela que quando pode contar com um tutor de resiliência, o sujeito se vê amparado, acolhido e incentivado na superação da adversidade que enfrenta. Por isso, o autor fala deles como promotores de afeto e desenvolvimento, vez que provocam renascimento após o trauma.

Na história de Flor, o encontro com sua psicoterapeuta promoveu o resgate de sua saúde psicoemocional e a despertou para o que seria seu novo projeto de vida, a psicologia. A resiliência de Flor foi um mecanismo de defesa psicológica, para o enfrentamento das condições impostas pela sociedade, adversas ao seu bem-estar psíquico e social (MOLILLO; OJEDA, 2005).

Frente a fala de Flor e a importância que o acompanhamento psicológico teve para ela, é importante mencionar sobre a seriedade do Sistema Único de Saúde (SUS), que através das suas estratégias e políticas podem alcançar a população em diferentes tipos de assistência. A Política Nacional de Saúde Mental representa para a saúde mental, um importante desenvolvimento em prol dessa assistência, bem como os CAPS nos municípios. Em síntese, foram políticas que contribuíram para que Flor fosse assistida e pudesse cuidar da sua Saúde Mental.

4.2 O ALIMENTO DENTRO DA CUIA¹² – MARACUJÁ, EM TUPI-GUARANI

Na sua “cuia” a jovem Flor manteve o seu alimento até a conclusão do Ensino Médio. O sonho de ser psicóloga a nutriu quase na mesma proporção em que as dificuldades a feriam. Nesse caminhar na corda bamba, equilibrando a sua cuia, ela optou por concorrer a vaga nos cursos de Psicologia, Administração e Letras através de processos seletivos distintos.

*Eu sonhava em fazer Psicologia só que eu não imaginava que conseguiria passar [...]. **Eu passei em Psicologia** [...] e aí foi uma notícia que me deixou muito alegre [...] só que me deu muito medo porque **como eu conseguiria estudar** sabendo das minhas condições? [grifo nosso]*

Flor de Maracujá foi a primeira de sua família a ingressar na universidade e esse feito passou a ser o alimento dela, da mãe e da avó. Por ser a primeira da família, esse núcleo era inexperiente quanto a tudo que envolvia estudar na capital e, devido a isso, buscaram informações com pessoas conhecidas na expectativa de encontrarem apoio, mas o que obtiveram foi um “rio” de dificuldades.

¹² A palavra Cuia vem do Tupi kúia, fruto da kuité – significa cuia verdadeira. A cuia é uma vasilha arredondada feita com esse fruto, escolhida cuidadosamente justamente pelo formato. Disponível em: <<https://www.dicionariotupiguarani.com.br/dicionario/cuia/>>. Acesso em 22 de julho de 2021.

A prática artesanal na produção de cuias ou “Os Modos de Fazer Cuias do Baixo Amazonas, no Pará” conquistou em 2015 título de Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro, sendo inscrito no Registro dos Saberes. Essa prática foi desenvolvida por comunidades indígenas há cerca de dois séculos e hoje é uma herança cultural, considerado um ofício praticado por mulheres de comunidades ribeirinhas. O valor cultural do uso da cuia consiste na sua utilidade e por fazer parte do cotidiano dessas populações. A cuia é utilizada para pegar água no rio, tomar banho, cozinhar, consumo de líquidos e demais alimentos, retirar água da canoa. Utiliza-se também como decoração de paredes das casas; no artesanato na confecção de fruteiras, copos, jarras, vasos, travessas, braceletes, farinheiras, petisqueiras, dentre outros objetos (IPHAN, 2021).

*O pessoal que morava aqui em Manaus dizia que **eu não ia ter condições de fazer faculdade porque gastava R\$ 2.000,00 e não sei quantos mil por mês.** [grifo nosso]*

E citando a fala de uma tia, Flor completa:

“Ah, mas é muito difícil fazer faculdade em Manaus, porque o meu filho fez faculdade lá na UFAM e gastou muito.” E aí ela colocava essas dificuldades; a mamãe ficou muito impactada e eu também.

Em ambos os casos Flor de Maracujá esboça certo grau de consciência de classe através da leitura da realidade em que Cursos Universitários, ainda mais realizados em outra cidade, exigindo recursos, estrutura de apoio, etc. Este aspecto fica evidente quando se pergunta “Como eu conseguiria estudar **sabendo** das minhas condições?” Mas ainda assim, Flor não se sente derrotada com a questão. A partir dessa realidade distanciada das suas condições concretas de sustento e vida, parte do lugar de quem busca informação para que possa reunir elementos que desafiem a realidade que, a princípio, a impedem de ir pra Faculdade em Manaus. A consciência de classe é ampliada, revelando que a distância entre o projeto universitário e a realidade concreta pode ser maior do que supunha. A consciência ampliada acerca dos determinantes sociais que condicionam os modos de subjetivação – o que não se confunde com o fatalismo apresentado por Martín-Baró (2011) como um dos mecanismos que mantém povos, classes e indivíduos sob relações de opressão -, é entendida como base dos processos de emancipação e desalienação, e, conseqüentemente, rumo à construção de novos e mais potentes modos de organização do sujeito (LANE, 1994).

Percebo aqui, mais uma vez, que a democratização do ensino superior vive mais da teoria do que da prática, quando Flor conta dos empecilhos, incluindo os simbólicos, que encontrou para a sua entrada e permanência em um curso de Ensino Superior. Há uma construção social classicista e ainda patriarcal, que tende a colocar a mulher, em especial, a mulher pobre às margens, nas condições mais vulneráveis e subalternas.

Compreendo democracia como participação do povo, de todos. Compreendo democratização como tornar algo acessível a todos, sem distinções ou restrições. Então, apresento aqui o que próprio Ministério da Educação compreende como democratização do ensino superior.

O processo de democratização compreende reverter o quadro no qual ir à universidade é opção reservada às elites. A definição de um projeto para a educação superior deve entender essa como bem público, **destinado a todos**

indistintamente, inserida no campo dos **direitos sociais básicos**, tratada como **prioridade** da sociedade brasileira, sendo que a **universidade deve ser a expressão de uma sociedade democrática e multicultural**, em que se cultiva a liberdade, a solidariedade e o respeito às diferenças (BRASIL, 2014, p. 19).

É perceptível que há uma legislação que, na teoria, atende aos princípios da democratização e interiorização do Ensino Superior no Brasil. No entanto, estudos assim como este aqui desenvolvido, apontam para o distanciamento entre teoria e prática, a exemplo de Corbucci (2004), que após analisar as políticas de democratização de acesso ao ensino superior, como o sistema de cotas, financiamento para educação e relação entre as instituições públicas e privadas, foram identificadas implicações como a saturação do mercado para o ensino privado e aumento dos índices de inadimplência. O autor aponta para a relação direta entre democratização do ensino superior no país e renda, em que programas como o Programa Universidade para Todos (PROUNI), FIES e o sistema de cotas em universidades privadas são mais acessíveis aos indivíduos com renda social mais favorável.

Reforça-se então que

[...] para que a educação possa contribuir, de fato, na redução das desigualdades sociais, tornam-se necessárias políticas ativas de financiamento que favoreçam o rompimento do círculo vicioso entre educação e renda, que se estabelece de forma tão marcante na sociedade brasileira (CORBUCCI, 2004, 698).

A fala sobre desigualdades sociais é também utilizada por Dubet (2015) ao indicar que o Brasil é um dos países em que as formações de maior prestígio para a sociedade que são gratuitas, são reservadas a uma elite acadêmica e social. Em contrapartida, os cursos de menor prestígio são pagos e feitos por estudantes com menor renda. Ou seja, a qualidade e gratuidade na educação são concedidas a um seletor grupo social, evidenciando, mais uma vez o distanciamento entre teoria e prática quando o assunto em questão é democratização do Ensino Superior no Brasil.

Contudo, essas implicações, que são de muitos, também alcançaram Flor de Maracujá e diante disso, ela precisava romper com as barreiras das desigualdades sociais impostas, mas, como dito anteriormente, o projeto já não era mais só da jovem Flor. As três forças femininas decidiram enfrentar as adversidades e Flor de Maracujá veio para Manaus e ingressou no curso de Psicologia na UFAM. Mãe e avó fizeram os esforços financeiros que podiam, com muito esforço, contataram pessoas e Flor veio para realizar aquela parte do seu projeto de vida – o pai não queria que ela viesse e, portanto, manteve-se alheio.

A palavra Sororidade faz aqui grande sentido, pois representa a força de três mulheres, de caminharem juntas, sem julgamentos, com respeito pelas suas lutas, unidas em torno de um objetivo em comum – afinal, o sonho da Flor graduada já era das três. Portanto, foi a aliança criada entre essas mulheres que possibilitou a inserção e a permanência de Flor na Universidade.

A palavra mulher carrega uma série de significados, de caminhos, de lutas, de resistência e resiliência. Considerando o quase total viés patriarcal das famílias brasileiras, a força da mulher sempre esteve presente em todas as famílias, desde a sua concepção. Conceição Nogueira, uma das primeiras psicólogas feministas de Portugal, atenta-se para as diversidades enfrentadas pelas mulheres, e aponta o surgimento da Psicologia Feminista como uma concorrente à Psicologia tradicional, que vê a mulher de forma mais adequada e compreensiva (NEVES, NOGUEIRA, 2003; NOGUEIRA, 2013).

Neste ponto preciso falar da (sobre)carga da mulher na sociedade brasileira que, apesar de ainda guardar muito do patriarcado, não parece se incomodar para uma justa divisão dos papéis entre homens e mulheres. O que pude perceber na narrativa de Flor é que em sua família às mulheres têm consigo a função do sustento afetivo e financeiro, cabendo pouco destaque ao pai nesse sentido, e nem se trata de uma família monoparental. Em estudo desenvolvido por Simões e Hashimoto (2021) há a conclusão de que a inserção da mulher no mercado de trabalho não representou apenas uma mudança social positiva para as mulheres numa perspectiva de gênero, como representou ainda um acúmulo de funções e de papéis no contexto familiar.

Estudar em Manaus impôs à Flor de Maracujá passar por várias casas de parentes ou pessoas próximas, seja por laço familiar ou mesmo pela vivência na Igreja Católica. Em cada casa uma ou mais experiências dolorosas.

Na casa de uma irmã, que era filha de outro relacionamento da mãe dela e com quem possuía pouco vínculo afetivo devido ao fato de terem crescido distantes, ela se viu mais uma vez inserida num lar onde a mulher vivia um relacionamento abusivo e o apoio que recebeu foi escasso a ponto de submetê-la a mais riscos.

*Quando eu fui me matricular minha irmã não foi comigo. Foi um colega dela que me levou. Ele me apresentou na reitoria, pra mim conseguir bolsas, auxílios, essas coisas, né? E ele se enxeriu¹³ pro meu lado, me beijou, se enxeriu mesmo. Eu achei que **ele queria me agarrar** e isso me assustou muito. Aí eu falei pra minha irmã e ela não deu muita trela na época. **Hoje em dia eu entendo que aquela fase que ela tava vivendo não era fácil e por isso ela não teve esses cuidados comigo também.** [grifo nosso]*

¹³ De “enxerir”, termo utilizado regionalmente para designar ação de atrevimento, que ultrapassa os limites.

Através dessa fala Flor revela o segundo episódio de violência sexual do qual foi vítima, e a violência psicológica por presenciar a violência sofrida pela irmã no relacionamento conjugal, o que possivelmente também a revitimizou com a recordação da violência doméstica sofrida por sua mãe. Wanderbroocke et al (2020) desmistifica a questão da reprodução da violência em gerações futuras esclarecendo que não se trata de um caminho inevitável, pois há como desviar-se através da superação do padrão. Os autores destacam, porém, que um dos fatores que pode levar à violência intergeracional é a falta ou a carência de apoio social. E, nesse sentido, tanto Flor quanto sua irmã estavam vulneráveis.

Ainda a respeito das vivências marcadas por sofrimento pelas casas por andou, Flor de Maracujá revive o que se deu na casa de uma tia, para onde ela foi depois que a irmã se separou do companheiro e mudou de Estado, e uma tentativa de conseguir abrigo na Casa Mamãe Margarida em troca de trabalho voluntário foi frustrada. Nessa casa ela foi novamente vítima de violência psicológica, pois debochavam e impunham que ela mudasse o modo de andar, de falar, de se vestir, porque tais características seriam a confissão da origem interiorana – o que no caso era avaliado como motivo de vergonha, condição vexatória, diminuta.

*Lá na tia os problemas que eu sofri foi em relação à minha linguagem, né? Eles bagunçavam muito comigo pelo **meu jeito de falar** - 'tem que tirar esse jeito do interior', **minha forma de vestir** também... Se achando superior por estar morando em Manaus. A sogra dela falava muito mal de toda sobrinha que vinha pra cá pra Manaus em algum momento – 'que menina do interior é oferecida, essas coisas'. [grifo nosso]*

As palavras sofrimento, violência, opressão e discriminação estão entre os descritores das diferentes adversidades a que Flor já foi submetida. Silva (2020) elucida em tese de doutorado acerca das implicações psicossociais dos processos de migração rural-urbano de jovens universitários, que os processos migratórios promovem para além da mudança de lugar físico, mudanças em outras esferas com efeitos nas relações sociais e na constituição do psiquismo dos sujeitos que migram.

Frente a todo esse movimento de discriminação, Flor de Maracujá se viu fazendo esforços para caber numa moldura que não era a sua. A necessidade de pertencimento nos novos espaços ocupados a levou a uma série de tentativas de identificação como a que ela cita aqui:

*Eu cheguei **bem interiorana** aqui em Manaus. E aí bagunçaram tanto com o meu jeito de vestir [...] Na faculdade, na casa da titia, em todo canto que eu ia. O jeito que eu falava... Minha irmã pintou meu cabelo de loiro. É claro*

*que eu percebo que eu também queria me adaptar, sabe? **Me incluir, me sentir participante.** E aí eu fui mudando muita coisa em mim que não era meu. [grifo nosso]*

As identidades por mais que sejam múltiplas, transitórias e estejam em constante modificação conforme as influências históricas e sociais (HALL, 2004; BAUMAN, 2005), o que é igualmente concebido por Ciampa (2001), elas também representam a história de vida de cada indivíduo. Flor, ao deixar de habitar a comunidade ribeirinha e residir na capital, levou consigo identidades constituídas a partir do meio em que vivia.

Cyrulnik traz que

É o discurso ambiente que atribui ao fato seu valor de destruição ou reconstrução. Em uma sociedade estável onde as narrativas fazem crer que cada um está em seu lugar na hierarquia social, qualquer agressão deve ser justificada: “Estranhas essas pessoas que são sempre vítimas. Só estão obtendo o que merecem! Não é por acaso!” A impossibilidade mental de questionar a própria noção de hierarquia impede as testemunhas da agressão de procurar ajudar os lesados (CYRULNIK, 2005, p. 155).

Flor foi discriminada pelo seu modo de falar, de vestir e sentiu a necessidade de adaptar-se, o que pode ser considerado uma agressão em diferentes sentidos, especialmente aqueles ligados as suas subjetividades, que as puseram em um lugar de não perceber/questionar que naquele lugar ela era vítima. Martín-Baró (1998) elucida acerca da interiorização das relações de dominação, que em uma analogia entre os comportamentos de dominador e dominado, os indivíduos em posição inferior tendem a serem conformados e passivos, uma vez que o sistema social é regido por interesses políticos e econômicos, já perpetuados na sociedade.

Novamente trago a Constituição Federal para falar de direitos,

Art. 3º Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:
 I - construir uma sociedade livre, justa e solidária;
 II - garantir o desenvolvimento nacional;
 III - erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;
IV - promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação. [grifo nosso]

A Constituição de 1988, mais conhecida como a Constituição Cidadã, é sem dúvida a constituição brasileira que mais garantiu direitos a toda a população, considerando todas as suas diferenças e especificidades. Poderíamos aqui falar de liberdade de expressão, reconhecimento,

pertencimento, de tantos outros aspectos positivos trazidos pela nova Carta Magna, mas restrinjo-me a falar sobre discriminação e sobre seus reflexos no contexto da contemporaneidade, da chamada sociedade pós-moderna, como intitula Hall (2004).

Vygotsky (1991) elucida que a percepção se desenvolve de modo dinâmico, no tempo em que as mediações e interação social ocorrem entre os próprios indivíduos e entre o indivíduo com o meio histórico e cultural em que vivem, se multiplicam, se fundem e se sofisticam, acarretando o que é chamado de concepção histórico-cultural.

Ainda que a sociedade possua uma infinidade de especificações e diferenças entre os indivíduos, modo de agir, ser, falar, importa então considerar que

Uma diferenciação é discriminatória quando as características diferenciadoras servem para justificar ou sustentar uma situação desvantajosa ao desenvolvimento humano, ou seja, quando a alteridade institui a subordinação, a dependência e até a opressão. É importante, então, examinar quais são as raízes da diferenciação sexual e em que momento ou ponto ou baseado em que se produz a diferenciação discriminatória. Em outras palavras, se buscar as raízes da identidade sexual das pessoas e as raízes desta identidade sexual histórica específica que encontramos e que subordina um sexo ao outro. Interessa-nos o processo de socialização sexual não só porque através dele as pessoas adquirem uma dimensão de sua identidade crucial na vida social, mas porque através desse processo pode-se estar reproduzindo situações de alienação e desumanização em benefício de alguns interesses determinados socialmente (MARTÍN-BARÓ, 2005, p. 166).

A violência se constitui mediante os interesses de uma estratificação social, uma estrutura de classe, que através dos jogos de conveniência produzem justificativas e/ou condenações para a manutenção desses interesses (MARTÍN-BARÓ, 1997). Ou seja, a violência surge como um produto sociopolítico, em que seu especial objetivo é atender as demandas das classes dominantes e vem, a partir de uma perspectiva histórica, reproduzindo nos comportamentos de determinados comportamentos dos indivíduos, a naturalização do preconceito e nem a adequada regulação imediata da legislação.

A globalização, caracterizada por todo o processo de comunicação/interação/relação com os países em todo o mundo, possibilitou a construção de diferentes identidades de classe, sexo, étnico, nacional e tantas outras expressões relacionadas a existência em uma coletividade. A promulgação de leis, decretos, cartas que regessem e indicassem a necessidade de respeito a todas essas diferenças não foi privilégio, mas sim reflexos das lutas e resistências que demonstram a necessidade do respeito e convívio social sem conflitos. Novamente falo, não foi privilégio, foi exigência do contexto da sociedade pós-moderna.

Voltando a falar das vivências de Flor, na capital, a partir do momento que começou a ser assistida pelas ações de assistência estudantil pela UFAM, através da Bolsa Trabalho¹⁴ (atualmente extinto), do Auxílio Acadêmico¹⁵ e do Auxílio Moradia¹⁶, a jovem Flor conseguiu morar sozinha.

Eu ganhava R\$ 1.000,00 por mês, mamãe também me mandava um pouco, aí eu consegui comprar as coisas dum apê. Foi a primeira vez que eu aluguei um apartamento. Era perto da UFAM, onde eu andava mais então me sentia mais segura mesmo.

Junto ao reconhecimento dos auxílios estudantis pelos quais foi assistida, Flor de Maracujá também fez reflexões críticas em torno deles. Destacou que embora eles estejam no campo dos direitos assegurados Plano Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), na UFAM eles figuram como uma ‘ajuda’ e são insuficientes em demasia diante do contingente de alunos em condições de vulnerabilidade social. Lembrou que viu poucas pessoas do interior sendo beneficiadas, que chegou a perder auxílio por não ter dinheiro para xerocopiar um documento necessário para o processo de renovação, bem como trancou disciplina com maior grau de dificuldade para não ter seu coeficiente diminuído, vez que para ser beneficiado pelos auxílios o aluno não pode reprovar. Além disso, ponderou que pode não ter ocupado mais os espaços de participação estudantil na universidade, bem como ter participado mais de projetos de extensão, PIBIC, porque precisava se dedicar à sua sobrevivência e ao cumprimento da grade curricular.

Nunca tive os auxílios 100% na minha trajetória. Teve tempo que eu perdi, então teve tempo que eu recebia bolsa e teve tempo que eu perdia. Só que estágio [...] sempre procurei estágio porque eu imaginava ‘não vou conseguir me manter em Manaus se eu não estagiar’. Porque a mamãe é salário-mínimo, então era complicado mesmo. Graças a Deus que eu consegui participar dos processos seletivos e corria atrás mesmo. Então tem que ampliar essas políticas afirmativas relacionadas às bolsas, porque de fato a desigualdade ela é gritante.

¹⁴ “O Programa Bolsa Trabalho encontra-se suspenso para novas adesões até 31/12/18 por meio da Portaria GR n° 0424/2018, a qual estabelece que a partir do dia 01/01/2019 o Programa seja extinto da UFAM e que sejam revogadas as Portarias GR n° 0387/2007 e 0598/2010.” Disponível em: <<https://progesp.ufam.edu.br/programas-e-auxilios/programa-bolsa-trabalho.html>>. Acesso em 17 de julho de 2021.

¹⁵ “Auxílio destinado ao apoio do discente que se encontre em situação de vulnerabilidade socioeconômica, para que custeie parcialmente gastos com transporte público municipal urbano e material didático-pedagógico de baixo custo, visando à promoção de sua permanência na UFAM.” Disponível em: <<https://progesp.ufam.edu.br/programas-e-auxilios/auxilio-academico.html>>. Acesso em 17 de julho de 2021.

¹⁶ “[...] destinado a custear parcialmente os gastos com aluguel do discente que se encontre em situação de vulnerabilidade socioeconômica, que passou a residir na cidade do campus exclusivamente para cursar graduação na UFAM e que mantenha a condição de inquilinato, mesmo em compartilhamento de aluguel devidamente comprovado.” Disponível em: <<https://progesp.ufam.edu.br/programas-e-auxilios/auxilio-moradia.html>>. Acesso em 17 de julho de 2021.

A fala de Flor denuncia a ineficiência dos auxílios teoricamente concedidos aos universitários que precisam de meios, recursos para garantir a sua subsistência, especialmente em situação de migração. Mas mais do que isso, ela aponta para a baixa eficácia da democratização e da interiorização do ensino superior. Silva (2020) defende a ideia de não apenas inserção no ensino superior, mas também de permanência e da necessidade de políticas de acompanhamento do estudante em todo seu percurso acadêmico, considerando a migração dos jovens universitários. Caso contrário, esse público será sujeito ao que é apresentado por Sawaia (2001) como inclusão perversa, pois aos estudantes migrantes resta a marginalidade dessa inserção, ou seja, uma prática perspicaz de exclusão.

Ribeiro (2019) indica que há uma pressão social na maioria dos jovens, em que estes buscam na obtenção de um emprego, a melhor forma de fugirem dessa pressão. Nesse estudo, identificou-se que a questão econômica e a variável de renda é presente na vida dos jovens, sendo os mais expostos as vulnerabilidades sociais, de classe, mais abertos ao mundo do trabalho. Eles precisam de uma renda que possa suprir suas necessidades que são várias, somando os itens de consumo do cotidiano e a permanência na faculdade.

As dificuldades que Flor encontrou para permanecer na universidade foram constantes e crescentes. Além das que já foram mencionadas, e demonstrando a dor que ainda carrega consigo ao ter lágrimas pelo rosto e a voz embargada, quase num sussurro, Flor de Maracujá contou que foi internada no Hospital Psiquiátrico Eduardo Ribeiro, devido à depressão e ao transtorno de ansiedade. Foi um período em que ela fazia seis disciplinas, estava no PACE (Programa Atividade Curricular de Extensão)¹⁷, havia entrado na Vara de Execuções de Medidas e Penas Alternativas do Tribunal de Justiça do Estado do Amazonas (VEMEPA/TJAM) como estagiária, a família enfrentava sérios problemas, e ela passou pelo término de um relacionamento. Mesmo percebendo seu adoecimento, a falta de acesso à saúde e o fato de não compartilhar com a família as situações adversas que vivia em Manaus por medo de que eles impusessem o seu regresso, Flor permaneceu solitária até a internação.

Essa vivência solitária anterior à internação, a qual ela narrou abaixando a cabeça, diminuindo o tom de voz e deixando o olhar cair, vívidos indícios da dor da cicatriz que quando tocada ainda pulsa e do constrangimento, levou Flor a buscar na dor física o refreamento da dor psicoemocional.

¹⁷ É uma modalidade de ação que acompanha o semestre letivo. O coordenador da atividade recebe R\$ 1.500,00 para desenvolver o projeto e os discentes e colaboradores recebem certificados de participação que darão direito a 60 horas de atividades complementares ou 04 créditos. A submissão das propostas é feita semestralmente e os requisitos e orientações para submissão constam em edital próprio. Disponível em: <<https://proext.ufam.edu.br/dproex/modalidades-dproex/pace/sobre-pace.html>>. Acesso em 23 de julho de 2021.

*Eu não fazia terapia, na época, então pra mim era tudo **intensificado**. Eu fui me fechando cada vez mais, e quando eu vi eu já estava me **automutilando**, eu estava **pensando em suicídio**. [grifo nosso]*

Apesar de ter comigo a suposição de que o ato de narrar levou Flor a entrar em contato com a fragilidade da cicatriz do trauma, apoio-me em Cyrulnik (2005, p. 98) quando ele diz que

A ação de narrar permite à pessoa se constituir em sujeito íntimo, e a narração convida a assumir seu lugar no mundo humano compartilhando sua história. O que é intimamente aceitável se associa ao socialmente compartilhável. Após esse trabalho, o ferido pode se olhar de frente e reintegrar-se à sociedade.

Essa afirmativa me conduz à reelaboração. Cada vez que Flor narra a sua história, na terapia ou para a entrevista, ela reelabora, ressignifica. É o que Cyrulnik dispara como sendo o resultado do encontro entre ferido e tutor de resiliência, ou nos termos de Gonzalez-Rey, o efeito da interseccionalidade da subjetividade pessoal do sujeito participante da pesquisa com a subjetividade social do sujeito pesquisador.

Desta feita, a ativação do processo de resiliência, para Cyrulnik (2005, p. 100)

Efetivamente, é no olhar ulterior, na representação do fato, que nasce a emoção provocada pelo acontecimento. O que o ferido pensa acerca do que lhe aconteceu e o sentimento que experimenta dependem tanto da narrativa que ele faz para si quanto dá que ele faz para os outros, sendo necessário adicionar a narrativa dos últimos. É na confluência de todos esses mundos intersubjetivos que nasce o sentimento atribuído ao acontecimento.

E Gonzalez-Rey (2019, p.23) também contempla ao explicar que “[...] o cosmos social e histórico dos múltiplos sistemas relacionais, que marcam uma biografia, se organizam em um nível subjetivo que não são um eco desses sistemas, mas uma produção no curso desses processos”.

Reconhecendo a gravidade do quadro em que estava e temendo não conseguir seguir com a faculdade, Flor procurou um acadêmico do curso e contou a ele sobre o sofrimento psíquico que lhe afetava. E foi através da sensibilidade dele que o cenário começou a mudar. O colega do curso pediu ajuda para Flor à uma professora do curso e essa a auxiliou no acesso a tratamento psiquiátrico e medicação gratuita. Daí em diante, Flor buscou terapia com

possibilidades de acesso gratuito, sua mãe veio passar um tempo com ela em Manaus e o resgaste de sua saúde mental foi acontecendo.

*Eu consegui aos pouquinhos, com o apoio dos amigos, também da família e o suporte da FAPSI, né? Esse suporte que foi trazer mais a comunidade e aproximar mais com a FAPSI. E aí depois de eu ter tido essa crise toda, participado das coisas todas [...] **Amizade e afeto**, pra mim foi fundamental, porque apesar de ser poucos amigos foram amizades sólidas que permanecem, ainda tenho contato com meus professores que sempre foram muito acolhedores. E outra coisa também: tem os meus colegas que são de fora e a gente se aproximou também - como se a gente se identifica-se e a gente mesmo me se ajudasse. [grifo nosso]*

Ter passado por essa experiência como usuária no Hospital Psiquiátrico Eduardo Ribeiro levou Flor de Maracujá a se sentir incapaz de vir a ser psicóloga. Esse que era um medo anterior à entrada na universidade, voltou a assombrá-la.

*Eu tinha um certo **medo** de não passar em psicologia; também por causa das **minhas problemáticas**, eu achava que eu não era capaz de ser boa terapeuta, que tem que ser uma pessoa muito boa, sem problemas demais. Tinha muitos receios de não conseguir e tals. **Eu tinha medo de não ser uma boa profissional.***

Em relação a esse aspecto, teço algumas considerações acerca das duas experiências significativas trazidas por Flor de Maracujá quando necessitou de atendimento profissional relativo à saúde mental e as experiências totalmente diversas que impactaram o olhar que teve sobre si mesma a partir dos dois momentos: a primeira vez, quando ainda adolescente vivenciou o abuso sexual que a fez decidir afastar-se da igreja e foi atendida no CAPS de seu município; a segunda vez, relativa ao sofrimento vivenciado enquanto estudante universitária, longe de sua casa e vendo se acumular sérias questões que lhe trouxeram sofrimento profundo, obtendo atendimento no Hospital Psiquiátrico Eduardo Ribeiro. Chama atenção o fato de que a relação com a psicóloga no CAPS despertou em Flor de Maracujá o interesse em cursar Psicologia, identificando-se com a perspectiva do cuidado que a profissão abarca. Apesar de também se encontrar emocionalmente vulnerável, a experiência contou positivamente para remeter Flor de Maracujá à uma projeção de si e perspectiva de futuro potente e positiva. Já relativo à experiência em Manaus, o registro que faz da situação envolve uma leitura bastante negativa acerca de si, colocando-a em dúvida justamente a capacidade de no futuro exercer com competência a profissão em torno da qual toda a sua vida havia se organizado, inclusive em termos de migração. Nota-se também que não houve, na experiência relatada, referência à

atuação de algum profissional que, tal qual a psicóloga de seu município, tivesse sido um promotor de sua saúde mental e bem-estar. Somente em outro momento, e apoiada por outra rede – um colega e uma professora do curso, o acesso a psicoterapia gratuita e sua mãe -, Flor diz retomar gradualmente a saúde.

A análise também nos faz relativizar a oferta dos serviços, quando comparadas ofertas em grandes centros como Manaus, dispondo de equipamentos no setor da saúde mental, por exemplo, e demais municípios do estado, onde há precariedade em número e diversidade de serviços e profissionais. A lógica que operou na efetividade dos serviços recebidos por Flor certamente fundamentos em outros aspectos, divergindo da ideia de que ser atendido pelos serviços da capital assegurariam melhores condições à população. Há que se considerar questões como o modo em que se organiza o serviço, a forma que é prestado pelo profissional, a presença ou ausência de rede de apoio e a natureza da demanda podem resultar tanto em melhoras ao paciente quanto agravamento do seu quadro.

Afora isso, Flor de Maracujá também apontou para o fato de o curso de Psicologia ainda ser bastante elitizado, e o quanto isso foi mais um fator para fazê-la duvidar de sua capacidade. Disse ela sobre o curso:

Muita gente branca, produzida, arrumada, com pai e mãe do lado, não que eu não ache isso lindo né?, pai e mãe tirando foto. Ai eu olhando essa foto, pensei: ‘eu aqui no meio desse povo, como vai ser?’ Poucos alunos utilizavam ônibus, poucas pessoas iam no RU, tem gente que nunca pisou no RU... Então assim, eu não tinha computador na época, eu tinha que enfrentar uma fila para usar na biblioteca na época, fui assaltada duas vezes, tinha que emprestar celular tijolinho, que não funcionava whatsapp, ficava desligada da turma, é mais nesse sentido assim que eu considerava o nosso curso elitista[...].

Sendo eu egressa do mesmo curso e na mesma universidade, sinto a necessidade de apoiar Flor de Maracujá. Entrei no curso doze anos antes dela, e a realidade na época era extremamente semelhante. Faço questão de dar espaço nesse trabalho a essa questão, pois tanto Flor quanto eu cremos que a instituição pode pensar formas de não se eximir do compromisso político com o enfrentamento à desigualdade social também dentro do curso.

Não menos grave, ainda refletindo a respeito das adversidades para a permanência no curso, Flor de Maracujá faz uma denúncia, um apelo, que eu considero absurdamente necessário de ser discutido, que tem a ver com o fato do horário do término das aulas e a exposição da mulher às violências.

*O que me deixava mais pavorosa, era ir para a casa à noite. Eu **preferiria dormir na UFAM porque pegar um ônibus e chegar 23h em casa** [...] não sei como naturalizaram isso, de achar normal andar assim. Nós mulheres andamos com medo de ser estuprada, de sumirem com a gente. A gente não se sente segura nesses espaços, nem na rua e nem na faculdade, em nenhum canto. [grifo nosso]*

Enquanto profissional da Secretaria Municipal da Mulher, Assistência Social e Cidadania (SEMASC) me torna incapaz de ouvir essa fala e trazê-la à baila da discussão na esperança de que a questão possa ocupar o espaço de preocupação do curso.

Nesse sentido ainda, a jovem Flor sinaliza a importância da ampliação, divulgação e acesso dos espaços de participação na universidade, e o papel da arte como processos de proteção para a juventude universitária migrante.

*Então eu acho que a UFAM tinha que ter mais espaço de participação pra vincular porque **eu não tinha acesso** e eu acho que tem que melhorar essa questão da informação, do acesso aos espaços de participação que a faculdade vai disponibilizar pra gente, principalmente esses que são fora da sala de aula, do quadradinho ali. Se eu soubesse que tinha como ter um auxílio acadêmico, auxílio moradia e não sei o quê no início da graduação eu teria evitado muitas coisas, né? Hoje em dia já melhorou muito a questão do centro acadêmico já; já tem esse cuidado, informação. E as políticas que precisam mesmo se reafirmar; então, eu **vejo sempre as artes como um caminho**. [grifo nosso]*

Flor demonstra através da forma como vivenciou suas experiências, que mesmo à época das situações ocorridas, seus questionamentos já revelavam certa consciência de classe, gênero e da existência de processos etnocêntricos que operavam na dialética. inclusão/exclusão assinalada por Sawaia (2008) ao observar que havia diferenças abissais entre os lugares frequentados pela maioria dos alunos do curso e os que ela frequentava, à exemplo do RU, a forma de acessar (ou estar impossibilitada) experiências cruciais para acompanhar e realizar as atividades do curso, como telefone celular, computador, a exposição a riscos elevados por ser mulher e ter dificuldades para se manter materialmente falando.

As dificuldades para Flor de Maracujá realizar seu sonho de se tornar psicóloga não estão perto de acabar, mas ela segue resistindo e ousando sonhar. Flor sonha alto, sonha grande, e não há nada tão grande que não combine com a potência dessa mulher, que escolheu como título da narrativa de sua história: *Flor de Maracujá, a Cabocla Amazônida*.

*Eu penso em voltar para o meu município, mas para falecer, para cuidar deles (os pais) quando estiverem mais debilitadinhos, porque são bem de saúde, sabe? Mas eu **queria muito voar**, de verdade! Só que eu não sei se vou ter*

*recursos para isso. Eu sempre tive vontade de **atuar no município**, mas, assim, depois de ter dado uma volta no mundo, aí eu vou parar aqui, onde eu comecei, na minha raiz, é isso que eu penso. **Lá é minha casa, aqui é minha casa**. Eu já morei em tantas casas, eu já morei em tantos lugares, você nem imagina! E aí hoje o meu lugar, o meu lar, não é tanto físico; é eu estar de bem comigo mesma, e com os meus, digamos assim, sobre o que eu vim fazer.*

Por fim, cumpro minha promessa de retomar a simbologia da Flor de Maracujá, como prometido no início. Seria possível que eu seguisse dialogando com a ressurreição, como fizeram os jesuítas a respeito do desenho e das cores da flor. Não foram as mortes pelas quais ela passou. Mas Flor quer falar de outro modo, e ela diz o porquê da Flor de Maracujá:

É porque lá em casa a gente planta. E sobe no pé de manga e mistura com as plantas e fica muito lindo. Tem gente que vê e pensa: Eita!, que essa manga está dando maracujá.

As adversidades vão surgindo e ela vai contornando, subindo, a ponto de surpreender quem achou que a ela a universidade pública não coubesse, por exemplo. A Flor de Maracujá Cabocla Amazônida ocupou esse espaço que quiseram lhe negar, resistiu, e para o mundo pretende voar antes de regressar. Voa, Flor! Teu alimento está na cuia. Distribui com o mundo essa potência que te alimenta e te faz humana. A psicologia é quem te agradece. Eu, logo mais sua colega de profissão, agradeço por você se juntar a todos nós psicólogos dedicados ao fazer ético, político e comprometido com o afeto.

4.3 DO SINGULAR AO UNIVERSAL: ENTRELAÇAMENTO DA NARRATIVA DE FLOR COM ALGUMAS ALEGORIAS

Que sentidos podem ser extraídos da trajetória de Flor de Maracujá? “Extrair” sentidos certamente não é o modo como teórica e metodologicamente este estudo se construiu. Sentidos são compreendidos. E são compreendidos a partir dos discursos e narrativas, os quais se constroem dentro de uma relação e, no caso, entre pesquisadora e sujeito da pesquisa. Essa relação não se constitui em um vazio, mas é datada e socio-culturalmente situada. Como diz Freitas (2003), “o que acontece não é um encontro de psiquês individuais, mas uma relação de textos com o contexto” (p. 28-29). Assim, enquanto sujeito na relação e percebendo a mim mesma em minha singularidade e movimentos, apresento sentidos possíveis à trajetória de escolarização de Flor de Maracujá a partir do entrelaçamento entre sua narrativa e algumas alegorias míticas – Coré-Perséfone e Quíron -, como um encontro entre sua história única,

singular, e os elementos universais que comportam os mitos, tal como propõe Carl Gustav Jung (CAMPBELL, 1990).

4.3.1 De Coré à Perséfone: quando da folha brotou flor

Na literatura grega o mito de Coré-Perséfone traz aspectos como a perda da inocência, a morte e a ressurreição, a violação, a maturidade como temas simbolicamente abordados. Como existem diferentes versões do mito, aqui apresento a que me levou a correlacioná-lo à narrativa da Flor de Maracujá.

Esclarece Mesquita (2017) que Coré, que significa virgem ou donzela, estava entre ninfas quando colheu uma flor de Narciso, a qual havia sido criada propositadamente por Gaia. Ao colher a flor, a terra tremeu e surgiu Hades, o deus do mundo subterrâneo, e a raptou. Leite e Wedekin (2015) contam que com isso, Deméter, mãe de Coré e deusa da agricultura e da colheita, irada deixou de nutrir a terra enquanto procurava incessantemente pela filha. Vendo os prejuízos com a falta da vegetação, Zeus intercedeu e ordenou que Coré fosse resgatada. Antes, porém, ela comeu uma romã oferecida por Hades, ato que terminaria por impedir que ela ficasse no Olimpo (MESQUITA, 2017). E lá, “[...] no reino dos Inferos, por meio de vários encontros com heróis e heroínas, faz seu processo de transformação, da menina Core torna-se a rainha do mundo de Hades, Perséfone” (SOUZA, 2017, p. 114). Assim, Perséfone passa um terço do ano com a mãe, no mundo dos vivos, e outro terço no submundo com Hades, seu marido (MESQUITA, 2017).

Para Leite e Wedekin (2015) o mundo subterrâneo é a analogia simbólica do inconsciente. Os mesmos autores afirmam ainda que o indivíduo, “Se souber se relacionar com o seu interior, exercitando-o no meio externo, estará se desenvolvendo para suportar adversidades e crises pessoais, ou o que a vida lhe impuser” (ALVARENGA, 2007, p. 125).

Entendo todas as adversidades pelas quais Flor passou tal qual o rapto de Coré: um trauma, uma morte simbólica. Em todas as situações de dificuldade, Flor foi levada contra a sua vontade para um lugar de dor, de perdas, a ponto de pensar efetivamente na morte. E foi se voltando ao seu interior, encontrando-se com o seu inconsciente, abraçando suas dores – como ela mesma disse, e trazendo-os para a superfície, o meio externo que ela conseguiu superá-los.

Hillman (1975 *apud* Mesquita (2017) propõe que a experiência de Perséfone nos ocorre sempre que experimentamos uma agressão, um empurrão para fora da vida e cogitamos a morte, fazendo pertinente a analogia do mito com a história de vida de Flor de Maracujá. Mas isso não é tudo. É preciso dar destaque ao encontro de Coré com os heróis e heroínas no submundo que

lhe contribuíram para a sua transformação em Perséfone. A deusa donzela passou a ser a deusa do submundo, da inocência saiu ao encontro do desenvolvimento psíquico que apenas a dualidade morte-vida pode permitir.

Afinal, não se trata de coisas distintas, mas lados da mesma moeda. Sendo assim, compreendo que cada pessoa que acolheu Flor em algum momento de fragilidade, cada professor que lhe conferiu um diálogo ou uma consulta médica, cada amigo que partilhou com ela as dores de ser universitário migrante foi um herói ou uma heroína, um tutor de resiliência que contribuiu para que ela conseguisse resistir, se fazer resiliente. Sobre isso, Cyrulnik diz que quando o indivíduo

[...] caiu numa correnteza que o faz rolar e o carrega para uma cascata de ferimentos, o resiliente deve apelar aos recursos internos impregnados em sua memória, deve brigar para não se deixar arrastar pela inclinação natural dos traumatismos que o fazem navegar aos trambolhões, de golpe em golpe, até o momento em que uma mão estendida lhe ofereça um recurso externo, uma relação afetiva, uma instituição social ou cultural que lhe permita a superação” (CYRULNIK, 2004, p. 207).

A resiliência é um processo e não segue uma linha reta, mas ela é determinada a partir de determinadas causas que produzem efeitos, variando-se diante das interações ocorridas nesse processo.

Estamos longe das causalidades lineares em que um agente provoca um efeito [...]. Nas teorias da resiliência, o sujeito está submetido à influência de uma constelação de determinantes entre os quais se debate e onde vai buscar intencionalmente os tutores ao lado dos quais poderá retomar o seu desenvolvimento (CYRULNIK, 2006, p. 174).

A resiliência é promovida pelo próprio sujeito, na medida em que ele encontra vínculos que possibilitem a reconstrução dos sentidos. É justamente nesse contexto que aparecem os tutores de resiliência: na relação com o outro, em que após o trauma o outro representa o apoio significativo e necessário para a reconstrução do universo psíquico do sujeito.

Na vida de Flor vários foram os personagens que contribuíram para a promoção da sua resiliência, assim como sonhos e acontecimentos. Mãe, avó, espiritualidade, as artes, os universitários migrantes com os quais estabeleceu amizade, alguns colegas do curso, professores, a aproximação com a FAPSI através da ocupação de espaços acadêmicos extracurriculares e de convivência, as psicólogas, as pessoas que a acolheram quando ela não

tinha como morar sozinha, o município dela quando ela retornava nas férias e especialmente, o sonho de se tornar psicóloga.

Para Cyrulnik (2009, p. 183) “Cada história de vida é uma aventura humana única.” Assim, ainda para o autor, cada sujeito se encontra no centro da constituição da sua própria resiliência. A história de cada indivíduo, ela é composta por uma série de vivências, experiências, situações comuns, complicadas e traumas, sendo estas capaz de estimular o indivíduo ao seu desenvolvimento ou o desmoronamento psíquico.

4.3.2 Quíron: o arquétipo do curador-ferido atuando em Flor de Maracujá

O mito de Quíron, que de todos os centauros era considerado o mais notável, justo e sábio, traz uma reflexão que, a meu ver, precisa ser promovida por todo profissional da saúde, pois me remete muito à oportuna capacidade da empatia. Não à toa, Flor de Maracujá conduziu minhas memórias ao mito aludido, quando admitiu seu medo de não ser capaz de se tornar uma boa profissional devido aos sofrimentos que carregou – e alguns ainda carrega, consigo.

Os centauros eram seres que possuíam cabeça, braços e tronco de homem, e o resto do corpo e pernas de cavalo. Dividiam-se em dois grupos familiares: um onde estavam os filhos de Ixiã e de uma das oceânidas e atuavam pela força bruta, insensata e cega; e outro, onde estava Quíron, que eram os filhos de Filira e de Cronos, serviam ao bom combate, pois aliavam a bondade à força (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1998).

Conta uma das versões do mito que Quíron acompanhava seu amigo Hércules em um jantar com os outros centauros quando surgiu uma briga entre eles. Hércules usava flechas banhadas no veneno mortal da Hidra de Lerna contra os centauros, que fugiam em todas as direções, quando uma dessas flechas atingiu Quíron e lhe causou uma ferida incurável na coxa. Quíron era imortal, o que impediu que o veneno lhe tirasse a vida, mas causou-lhe incessante sofrimento pela dor do ferimento que não lhe permitia morrer (REINHART,1993).

Incessante também foi a busca de Quíron por recursos medicinais que pudessem aliviar a dor que a ferida lhe infligia, e foi justamente isso que conferiu a ele profundo conhecimento médico. Mesmo não sendo capaz de curar sua própria ferida, Quíron se utilizava de sua ciência para curar outros (REINHART,1993). E assim ficou conhecido como o Curador Ferido. A esse respeito, Penna (2005) diz que “a capacidade de curar é proporcional à capacidade de sofrer e conviver com a própria ferida” (PENNA, 2005, p. 160).

Pensar o medo de Flor de Maracujá a partir do arquétipo do Curador Ferido me faz acreditar que ela tem grandes possibilidades de se destacar na profissão. Assim como Quíron,

Flor não se alienou de suas feridas; buscou os recursos para cuidar delas e demonstra ser capaz da empatia à dor do outro.

Cyrulnik (2004, P13) expõe que “Não é possível ser a que não foi, mas é possível dar de si o que torna os outros felizes. O fato de ter sido ferida torna-a sensível a todos os ferimentos do mundo e a convida a se pôr à cabeceira de todos os sofrimentos”. Em outra passagem, o mesmo autor diz que dentre as lições que os resilientes podem nos dar estão a reparação de ferimentos e a evitação de certas agressões, além do cuidado com o outro.

O mito de Quíron termina com Hércules negociando com Zeus a troca da imortalidade do centauro com a mortalidade de Prometeu, que padecia no Hades, levando-o enfim a descansar e tornar-se, a presente de Zeus, a constelação de Sagitário no céu (BULFINCH, 2002; 2006).

Ainda considerando todos os processos vivenciados por Flor e quando foi questionada se o seu lugar é um lugar bom para estar hoje, Flor ergue toda a sua sabedoria mais uma vez, a humanidade e a conscientização que adquiriu porque não fugiu de si mesma em todo o seu processo de vir a ser e afirma:

*Sim! Eu ainda tenho problemas com **minhas inseguranças**, assim de ansiedade. Eu **trabalho isso em mim**, ainda fico nervosa na frente da câmera, sou tímida [...] então essas são as minhas limitações que eu abracei, **estou cuidando**.*

Flor de Maracujá vive, e assim como Quíron continua a buscar alívio para as suas dores, enquanto se capacita técnica e afetivamente para auxiliar outros. É como afirma também Cyrulnik (2004, p.12): “Jamais conseguimos liquidar nossos problemas, sempre resta deles algum vestígio, mas podemos dar-lhes uma outra vida, mais suportável e, às vezes, até mais bonita e com sentido”.

4.4 DA FORÇA E CONCRETUDE DA NARRATIVA DE FLOR: UMA SÍNTESE

Flor de Maracujá apresenta sua narrativa situando a si própria enquanto mulher amazonense, parda, interiorana nascida e criada em um contexto sócio-econômico adverso. Desde o início de sua história, ela desperta nosso olhar para o fato de que a desigualdade social que impede ou dificulta o acesso aos direitos básicos garantidos em constituição, vem articulada, não só em sua história, mas na de tantos outros amazonenses. Isto não significa uma causalidade que justifique a cronificação da pobreza histórica a qual uma população expressiva, incluindo aí os povos tradicionais da região, são submetidos. Expressa, antes de tudo, que o não

reconhecimento de modos de vida locais, das características geográficas, por exemplo, levam à reificação de políticas de educação, saúde, econômicas, de sustentabilidade e geração de renda, assistencial, dentre outras, relegando estas populações a vivências de sofrimento para que possam auferir, às vezes minimamente, direitos os quais deveriam exercer integralmente.

Na história de flor é possível notar a convergência de vulnerabilidades - pobreza material associada não somente à baixa escolarização dos pais, mas ao não investimento em estratégias de geração de renda e sustentabilidade para as populações que tem nos modos de vida tradicional vinculados à cultura local e estreita relação com o meio ambiente amazônico para famílias e trabalhadores em contextos não-urbanos ou ribeirinhos. Há também a persistência de círculo de violência doméstica, falta de suporte para romper com este ciclo, e fragilidade na saúde. Estes fatores se mostraram presentes na narrativa desde que Flor de Maracujá era ainda uma menina, intensificando ainda mais o já desigual processo de escolarização.

A migração desde cedo começa a se configurar como única resposta possível e positiva para assegurar minimamente a trajetória escolar. Assim, a primeira migração ocorre da localidade ribeirinha onde vivia com seus pais, pescadores, para a sede do município para cursar as séries iniciais do ciclo de escolarização. Sem migrar não tem como estudar. Na história de Flor de Maracujá, esta contou com poderosos tutores de resiliência (CYRULNIK, 2005) na forma de condições materiais, simbólicas e afetivas para que este ciclo pudesse ser cumprido satisfatoriamente. Mas é evidente que houve um custo neste processo.

A migração produz desenraizamento. A migração em si não resolve a complexidade da inserção e continuidade no ensino. Afeto, pertencimento e referências com valores que dialogam com a escola e o tipo de educação que é oferecido são elementos fundamentais que, a partir da perspectiva de Cyrulnik (2005), auxiliam na produção de sentidos que metamorfoseiam o sofrimento.

Outro aspecto digno de nota é que a história da Flor de Maracujá remonta a história e participação dos Jesuítas no Brasil, só que ambientada no século XXI. A função do ensino em sua história vinha mesclada com a religião. Mas, mais importante que esse registro é o fato do Estado se esvaziar de suas funções no provimento dos direitos fundamentais, sendo a educação, por exemplo, sendo desempenhada por instituições religiosas. Estas, independente de intenções valorosas ou não, não tem como princípio constitucional a obrigatoriedade de sustentar os processos democráticos de direito. No caso de Flor de Maracujá, seu direito à uma vaga à instituição escolar dependeu de favores, indicações, privilégio ou suportar condições aviltantes como encarar longas filas à espera para exercer o direito a educação. A percepção do Brasil enquanto estado laico ainda é bastante frágil, e credito isto, em parte, ao desvirtuamento tanto

do Estado quanto das instituições religiosas na prestação de serviços vinculados aos direitos fundamentais. As cidades do interior do Amazonas, pela precariedade estrutural, tornam-se espaços que favorecem tal tipo de relação. Por outro lado, é inegável que é ainda, por esta via, que crianças como Flor de Maracujá e outras, são possibilitadas a cumprir sua jornada escolar.

No caso de Flor de Maracujá, posso inferir que dentre os desdobramentos da relação religião com o acesso à educação como direito fundamental, incidiu sobre o modo de organização subjetiva, quando ela traz a força das experiências relacionadas à igreja católica em sua história, tanto em aspectos de proteção e desenvolvimento quanto em situações de risco e violência. A subjetividade assim atravessada por componentes que misturam a fé, projeto de vida – “pensei em ser freira” – protagonismo, formação ético-política – “particpei da Jornada Internacional da Juventude” – tornam-se elementos que se articulam de modo complexo diante de uma realidade árida de oportunidades de desenvolvimento e afirmação da existência, favorecendo resultados nem sempre positivos. Entremeados pela afetividade podem emergir relações que de dependência, dominação, abuso, sujeição, afirmação identitária, valorização cultural, etc.

A violência de gênero é algo também presente na história de Flor de Maracujá desde a violência à mãe que esta se viu obrigada a presenciar e temer. A vinda pra cidade reforçou a experiência que Flor já conhecia, onde, nas relações estabelecidas com o gênero masculino, as raízes do patriarcado se manifestam fortes e naturalizadas. Apesar de relatar momentos em que sentia a impotência, Flor conseguiu romper com violências a qual foi submetida ou exposta, direta ou indiretamente. Reconhecia a posição social atribuída à mulher, mas negou-se em muitas ocasiões a sucumbir a este modo de relação. Mesmo inserida no contexto da necessidade material, como morar junto a pessoas que reproduziam violências dessa natureza, o movimento dialético permitiu emancipação e rupturas diante dos abusos sofridos.

Ainda relativo à questão do gênero, chama atenção a contradição entre os grupos de mulheres referenciadas em sua narrativa, sendo um do interior e outro da capital. Na cidade, ao invés de contar com uma rede de apoio feminina no seu processo migratório, Flor sofre com revitimizações das violências, reprodução do machismo estrutural e do preconceito e pressão decorrentes da negação das características culturais, tão significativas para o seu reconhecimento subjetivo. Em relação ao núcleo de mulheres do interior – sua mãe e avó -, estas mantiveram laços de solidariedade e também de manutenção da identidade cultural de Flor de Maracujá, que reconhece sua jornada de conquistas como um ato, uma luta coletiva desse trio de mulheres especificamente. Estas também se constituem grandes tutoras de resiliência de Flor desde a infância até o momento presente, em especial no tocante à saúde

mental. Penso no valor das redes de apoio femininas enquanto potência no enfrentamento de adversidades.

Na sua migração universitária, Flor traz momentos em que sua rede de apoio foi enfraquecida ou até tornou-se inexistente, revelando também a impropriedade e inadequação das políticas de apoio estudantil. Mesmo na maior universidade pública do Estado, migrantes não são considerados. Estão diluídos entre tantos outros alunos, os quais também possuem demandas legítimas e merecem ser contemplados. Mas chama atenção que a situação específica da migração não vem recebendo atenção a qual deveria, dada a complexidade que a envolve.

Flor de Maracujá desenvolveu estratégias necessárias que, porém, também a colocavam em risco. Um exemplo foi a perspicácia de trancar disciplinas quando perceba que teria possibilidade de reprovação ou rendimento aquém do necessário à manutenção dos benefícios estudantis. A estratégia lhe rende certamente uma permanência mais longa na universidade, além de desgaste emocional por se ver diante de alternativas que sempre lhes tirariam algum dos direitos que, enquanto estudante, deveria ter assegurados.

Por fim, considerando suas duas migrações para fins de escolarização, a primeira, ainda criança e que envolveu deslocamento e rupturas menos radicais, veio acompanhado de uma narrativa alegre, onde o apoio recebido pela mãe e pela avó fazem parte do sucesso da experiência de migrar e estudar. A segunda, sua vinda pra Manaus, o grupo familiar – categoria outrora mais significado enquanto proteção, é representada por outros membros – irmã, tia, irmão, cunhado -, torna-se elemento associado ao risco (violência, adoecimento, sofrimento psíquico). Cumpre destacar que os anos iniciais da migração e vida universitária foram aqueles onde Flor viveu violência psicológica de várias formas.

Falando sobre movimentos migratório, Flor de Maracujá produz sentido de que o voar é vida. E vida é transformação. A Flor de Maracujá reconhece e traz em si, orgulhosa de sua história, a cabocla, o amor pela sua cidade, suas origens e sua referência ético-cultural. Faz isso com os relatos emocionados e com a narrativa enriquecida com material fotográfico autorreferenciável, contando sua história dentro da história. E traz mais: traz mais desejo de transformação, movimento e, quiçá, novas migrações.



Imagem 5¹⁸

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

¹⁸ Registrado por Flor. Uso autorizado.

“La resiliencia es más que resistir, es también aprender a vivir.”¹⁹

BORIS CYRULNIK

Sinto que nesse momento começo a narrar a minha trajetória para a elaboração dessa dissertação. Conteí a mim mesma inúmeras vezes o percurso que caminhei, criei cenas, dramatizei, mas apenas agora a história que narrei intimamente tantas vezes dialoga com você que me lê e assim um sentido ampliado desse movimento sai do individual e ganha os ares do universal.

Quando fui tomada pelo tema, pois como já mencionei entendo que ele me escolheu antes que eu pudesse escolhê-lo, eu sabia que me depararia com histórias de universitários migrantes que estariam perpassadas por algumas adversidades, alguns processos de resiliência, uma dose de poesia, mas hoje posso assegurá-los que eu estava muito longe de ser capaz de supor a potência da história de vida que possibilitaria a concretização desse trabalho.

No momento em que iniciei esse mergulho, a temática da migração universitária ainda não havia sido tema de publicação pela Faculdade de Psicologia (FAPSI) e isso tornava a minha empreitada ainda mais importante. Tanto por dar visibilidade a esse grupo de alunos quanto por fazê-lo sob o olhar da psicologia social. Desta feita, busquei como objetivo geral conhecer, a partir de um estudo de caso, a trajetória de escolarização com ênfase nos processos psicossociais que a migração com fins de continuidade dos estudos em nível superior engendra na vida de um universitário amazonense em Manaus. A narrativa de Flor de Maracujá está tão marcada por uma complexidade de vivências no que tange o seu processo de escolarização que através dela foi possível atingir ao fim proposto.

A despeito dos específicos, definidos por 1) conhecer os dispositivos/recursos sociopolíticos, institucionais e relacionais existentes ao universitário migrante e a relação destes com a permanência no curso disponíveis que atuam nessas trajetórias e sua relação com acesso, permanência, descontinuidade ou evasão, 2) conhecer as adversidades e as estratégias de enfrentamento presentes nessa trajetória e 3) compreender os sentidos atribuídos pelo sujeito às vivências decorrentes da trajetória de deslocamento para realizar curso superior posso dizer que o estudo de caso, através da entrevista narrativa e da análise pela epistemologia qualitativa foi proporcionado o descortinar de muitos processos de silenciamento, invisibilidade, acriticidade das dificuldades e processos de resistência que estão imbricadas na trajetória de

¹⁹ "Resiliência é mais do que resistir, é também aprender a viver." [tradução nossa].

migrantes em face à formação de nível superior, multidimensionalmente determinadas e, por que não dizer?, capazes de provocar inclusive a psicologia e a universidade pública – o que espero que aconteça uma vez que acredito que é através da inquietação que se torna tangível a busca pela justiça social.

Dos dispositivos/recursos sociopolíticos, institucionais e relacionais que permitiram Flor entrar e permanecer na universidade destaco os auxílios e bolsa estudantis, os estágios remunerados, os espaços extracurriculares e de convivência da FAPSI, as artes, a espiritualidade, as relações de amizade construídas com outros alunos do curso e com outros alunos migrantes, o apoio de professores, o vínculos mantido com a família de origem, e o acolhimento de familiares e pessoas próximas à família quando ela não possuía condições de se manter sozinha. As adversidades impostas à Flor foram desde a necessidade de migrar, onde ela deixou o lugar seguro do conhecido, com a proteção dos vínculos familiares e sociais, ao processo de aculturação, discriminação, violências, e marginalização dentro e fora do campus universitário. Para o enfrentamento dessas adversidades, Flor usou como estratégias a ocupação de espaços de socialização ofertados na universidade, buscou pessoas da família e outros conhecidos que pudessem ajudá-la a se locomover, a ter onde residir, buscou serviços que ofertassem cuidados em Saúde Mental gratuitamente, e se inseriu em atividades curriculares que reforçavam os sentidos da Psicologia em seu projeto de vida. Por fim, os sentidos atribuídos às vivências decorrentes da migração observadas perpassaram por ser a primeira da família a alcançar o Ensino Superior e em Universidade Pública, por ter sido aprovada no curso da sua escolha e não em um que representasse maior facilidade, por através dessa conquista vislumbrar a passagem a outros espaços que culturalmente, socialmente e politicamente lhe são costumeiramente negados. Flor percebe em sua trajetória e em especial na publicização dela, a oportunidade de dar notoriedade e força a tantas outras e outros jovens universitários migrantes amazônidas.

Esse trabalho, a partir da narrativa de Flor, permite trazer ao palco das reflexões produzidas pelo PPGPSI uma realidade que certamente espelha a realidade da vida de universitário de outros tantos jovens, num país que enfrenta sérios desmontes nas políticas públicas e que tem sua história marcada pela desigualdade social e pelos meandros da baixa e/ou deficitária escolarização. Num país com essas características, entender o cenário de universitários migrantes é caminhar um pouco mais, é ir mais adentro para iluminar a realidade e promover incômodos que nos levem rumo ao enfrentamento a tais desmontes, bem como à melhoria das políticas a partir do conhecimento das singularidades que compõem os povos amazônidas.

Fiz questão de destacar possíveis melindres à Psicologia e à universidade porque duas das questões que mais impacto me causaram pela necessidade da falta de posicionamento crítico-reflexivo residem no fato de que, mesmo sendo acadêmica de psicologia - profissão comprometida com a análise crítica e histórica da realidade política, econômica, social e cultural, Flor se viu envolta por processos de exclusão seríssimos dentro do curso e também dentro da universidade, que deveria garantir acesso a direitos e recursos capazes de integrá-la sem reforçar ou manter um lugar de inferioridade socialmente construído.

Como acadêmica do mesmo curso, anos atrás, na mesma universidade, vivi situações semelhantes às que foram vividas por Flor nessa trajetória de escolarização no ensino superior. Ressalto que minha trajetória não é de migração, tenho pele clara, mas a humanidade que me constitui é pintada a lápis coloridos.

O que vi é que nem a Psicologia nem a universidade pública estão suficientemente instrumentalizadas para assumir, nesse processo, o espaço que lhes compete. E entendo que reside aí outra importante contribuição dessa dissertação: tornar conhecido o desconhecido a esses outros atores dessas trajetórias migratórias, visando possibilidades de planejamento de ações, políticas internas construídas conjuntamente e orientadas socialmente, historicamente e politicamente. Para além disso, deixo a minha compreensão de que esse trabalho aponta para possibilidades de reflexões e proposições de pesquisa que não esgotei. Entendo que essa é mais uma das grandes contribuições que a narrativa ora apresentada premia.

Essa é uma história de êxito, de resistência que se deu pela potência de Flor mobilizada por todos os encontros com tutores de resiliência que ele vivenciou. Mas me cabe, guardo comigo essa obrigação, de sinalizar a não naturalização e “romantismo” por vezes carimbados em histórias de vida como a de Flor de Maracujá. Enfrentar adversidades no curso da vida é inevitável, mas não podemos nos acomodar diante de tamanhos e profundos processos de desigualdade, inclusive os demonstrados através desse estudo.

Cumpra também salientar que quando me propus a realizar essa investigação, me propus a fazê-lo a partir das bases do pensamento metodológico que privilegia os tensionamentos presentes na relação pesquisadora e participante, e essa experiência foi riquíssima. Perceber e poder trabalhar, além de registrar o quanto fui afetada e transformada pela narrativa da Flor nesse espaço que é científico me dá especial prazer por ser mais uma das pesquisadoras da Psicologia que contribui para o enriquecimento da profissão considerando afetividade, coletividade, intersubjetividade, processualidade.

Como acadêmica do mesmo curso, anos atrás, na mesma universidade, vivi situações semelhantes as que foram vividas por Flor nessa trajetória de escolarização no ensino superior.

Ressalto que minha trajetória não é de migração, tenho pele clara, mas como diz Debora Noal, vejo minha pele clara por fora e multicolorida por dentro. Até porque minha pele clara não me garantiu a graduação sem a necessidade de articulação junto ao trabalho, a participação em atividades extracurriculares devido a tal necessidade, ou anterior a isso, a necessidade de redizer a condição socioeconômica desfavorecida a cada seis meses para garantir bolsa de estudo em colégio particular salesiano. A narração de tais fatos também tocou algumas das cicatrizes das feridas que carrego comigo, e nos aproximaram. Afinal, essa pesquisa promoveu um encontro, como postula Cyrulnik, e transformou, seguramente, a nós duas. Sinto profunda honra e gratidão por ter cumprido esse processo através da narrativa desse ser humano tão humano.

Lamento, contudo, pois algumas das etapas inicialmente pensadas não foram alcançadas devido à Pandemia da COVID-19, que enquanto potencial drasticamente transformador atingiu o mundo inteiro, logo, não haveria como não afetar o andamento dessa dissertação. Uma dessas mudanças foi a impossibilidade de realizar a entrevista narrativa móvel. Contudo, considero que pela tecnologia, através da rede social, essa mobilidade foi readaptada e a participante, por iniciativa própria, pôde me aproximar da sua percepção da realidade amazônica através das fotos que registra de lugares significativos.

Concluo reforçando a necessidade de se discutir amplamente os impasses para o acesso justo e igualitário do ensino superior aos jovens migrantes, e também para além disso, a questão da interiorização do ensino superior, afinal, vale se perguntar: por que a interiorização não deu conta ainda de suprir as necessidades de escolarização dos jovens? Essa dissertação inova a discussão em torno da migração universitária amazônica pela FAPSI e guarda a minha esperança de que novas pesquisas surjam para que outras experiências ganhem voz e deem eco com alcance e volume cada vez maiores. Essa é a esperança da transformação dessas realidades impregnadas por tanta dor, sofrimento e cicatrizes. Não precisa ser assim; não deve ser assim numa sociedade que preconiza a ampliação e a democratização do acesso ao Ensino Superior.

Faço questão de suscitar profundas reflexões à Psicologia e à universidade porque duas das questões que mais impacto me causaram aludem à necessidade de oferecer condições satisfatórias aos alunos migrantes, vez que Flor, mesmo sendo acadêmica de psicologia - profissão comprometida com a análise crítica e histórica da realidade política, econômica, social e cultural, se viu envolta por processos de exclusão seríssimos dentro do curso e também dentro da universidade, que deveria garantir acesso a direitos e recursos capazes de integrá-la sem reforçar ou manter um lugar de inferioridade socialmente construído.

6 REFERÊNCIAS

- ACRITICA. VERSÃO DIGITAL. Universitários do interior do Amazonas passam horas na estrada para chegar à aula. Amazonas, 09 jun. 2016. Disponível em: <<https://www.acritica.com/channels/cotidiano/news/universitarios-no-interior-do-amazonas-passam-horas-na-estrada-para-chegar-a-aula>>. Acesso em 20 de junho de 2019.
- ALMEIDA, A.W. B. **Antropologia dos Archivos da Amazonia**. Rio de Janeiro, Editora Casa 8/F.U.A., 2008.
- ARAÚJO, L. Viagem nossa de cada dia: o direito à educação superior e os desafios de permanência. **Revista Interfaces da Educação**, 10 (28), 189-213, 2019.
- BARBOZA, L. L. **Correlação entre o nível intelectual e o desempenho no teste wisconsin de classificação de cartas em universitários da cidade de Manaus**. 2013. 85 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.
- BARROS, A. S. X. Expansão da educação superior no Brasil: limites e possibilidades. **Educação & Sociedade**, 36(131), 361-390, 2015.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 2005.
- BORBA, C. S. **Investigação dos sintomas de Ansiedade Social nos universitários**. 2018. 165 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2018.
- BORBA, C. S. **Investigação dos sintomas de Ansiedade Social nos universitários**. 2018. 165 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2018.
- BRASIL. **Estatuto da Juventude, Lei n. 12.852 de 05 de agosto de 2013**. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Brasília, DF, 5 ago. 2013.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Superior. **A democratização e expansão da educação superior no país 2003 – 2014**. Brasília, 2014.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012**. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília, DF, 12 dez. 2012.
- CALEGARE, M. G. A. **Questões à Psicologia Social a partir de experiências em comunidades ribeirinhas amazônicas**. In: LIMA, A. F. (Org). *Psicologia Social Crítica: paraxes do contemporâneo*. Porto Alegre: Sulina, 2012. p.197-218.
- CALEGARE, M. G. A.; HIGUCHI, M. I. G.; FREITAS, C. C.; SIQUEIRA, M. S. **Acesso a bens e serviços sociais em UC: questão de cidadania e inclusão social**. *Novos Cadernos NAEA*, 2013, v. 16, n. 1, p. 249-282.

CALEGARE, M. G. A. **Rumo a uma abordagem psicossocial da florestalidade (ruralidade) amazônica.** In: Emerson Fernando Rasera; Maristela de Souza Pereira; Dolores Galindo. (Org.). Democracia participativa, estado e laicidade: psicologia social e enfrentamentos em tempos de exceção. 1ed.Porto Alegre: Abrapso Editora, 2017, v. 1, p. 293-308.

CAMPBELL, J. **O poder do mito.** São Paulo: Palas Athena, 1990.

CARLOTTO, R. C.; TEIXEIRA, M. A. P.; DIAS, A C. G. Adaptação Acadêmica e Coping em Estudantes Universitários. **Psico-USF**, Itatiba, v. 20, n. 3, p. 421-432, dez. 2015.

CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos:** mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números, 26ª edição, Editora José Olympio, Rio de Janeiro, 2012.

CIAMPA, A. C. Identidade. In: LANE, S. T. M; CODO, W. (orgs.) **Psicologia Social: o homem em movimento.** São Paulo: Brasiliense, 2001.

CLENNON, O. D.; SAMPAIO, C. R. B. “Migration is a Human Right”. Threats to mobility from liberal nationalism and the limitations of the liberal minimum In: Psicologia Social Jurídica. **Novas perspectivas da psicologia na Interface com a Justiça.** 1 ed. Curitiba: CRV, v.1, p. 369-392, 2020.

COIMBRA, R. M.; MORAIS, N. A. (orgs) **A resiliência em questão:** perspectivas teóricas, pesquisa e intervenção. Porto Alegre: Artmed. p. 19-35, 2015.

CORBUCCI, P. R. Financiamento e democratização do acesso à educação superior no Brasil: da deserção do estado ao projeto de reforma. **Educ. Soc., Campinas**, vol. 25, n. 88, p. 677-701, Especial - Out. 2004.

CYRULNIK, B. **Corra, a vida te chama: memórias.** Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

CYRULNIK, Boris. **O murmúrio dos fantasmas.** Tradução: Sônia Sampaio. Coleção Pedagogia e Psicologia. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CYRULNIK, Boris. **Os Patinhos Feios.** Tradução: Monica Stahel. Coleção Pedagogia e Psicologia. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CYRULNIK, Boris. Resiliência: continuar a nascer. In: CABRAL, S. S; CYRULNIK. (orgs). **Resiliência:** como tirar leite de pedra. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015.

DUBET, F. Qual democratização do ensino superior? **Caderno C R H**, Salvador, v. 28, n. 74, p. 255-265, Maio/Ago. 2015.

FLOR, S. R. A. **Estilo de vida de jovens universitários da área de saúde e o desenvolvimento de doenças cardiovasculares.** 2017. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017.

FRAXE, T. J. S.; SILVA, S. C. P.; MIGUEZ, S. F.; WITKOSKI, A. C.; CASTRO, A. P. **Os povos amazônicos – identidades e práticas culturais.** In: PEREIRA, H. S. et al. (2009). Pesquisa interdisciplinar em ciências do meio ambiente. Manaus: EDUA, 2009. p.23-53.

GROTBERG, E. H. Introdução: novas tendências em resiliência. In: MELILO, Aldo; SUAREZ, Ojeda E. N (orgs) **Resiliência:** descobrindo as próprias fortalezas. Tradução de Valério Campos. Porto Alegre: Artmed, 2005. p.15-22.

- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004
- HERINGER, R. Democratização da educação superior no Brasil: das metas de inclusão ao sucesso acadêmico. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, 19 (1), 7-17. 2018.
- INEP/MEC. Censo da Educação Superior 2017. Divulgação dos principais resultados. Brasília: MEC, 2018.
- JOVCHELOVITCH, S; BAUER, M. W. Entrevista narrativa. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**, v. 4, p. 90-113, 2002.
- LANE, S. T. M. Consciência/ alienação: a ideologia no nível individual. In: **Psicologia Social: o homem em movimento**. Orgs: LANE, Silvia T. M.; CODO, Wanderley. Brasiliense: São Paulo, 2004. 5ª reimpressão da 13ªed., p.40-47, 1994.
- LEITA, A. L. P.; WEDEKIN, L. M. W. Narrativas mitológicas sobre processos de morte simbólica. **Revista Último Andar**, n. 25, 2015.
- LEMOS, I. G. S. **Saúde cardíaca dos jovens universitários: análise da percepção de risco**. 2015. 110f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2015.
- LIMA, A. F; CIAMPA, A. C. “Sem pedras o arco não existe”: o lugar da narrativa no estudo crítico da identidade. **Psicologia & Sociedade**, v. 29, 2017.
- LIMA, N.M.F. **Jovens de camadas populares na Educação Superior pública do Amazonas: acesso e permanência**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, 2018.
- MAGALHAES, J. H. G. V. e Moscovici sobre a Constituição do Sujeito. **Psicol. pesq.**, Juiz de Fora, v. 8, n. 2, p. 241-251, dez. 2014.
- MARTIN-BARÓ, I. **Accion e Ideologia. Psicologia Social desde Centroamérica**. San Salvador: UCA, 2005.
- MARTÍN-BARÓ, I. Para uma Psicologia da Libertação. In: GUZZO, R. S. L.; LACERDA Jr., F.(Orgs.). **Psicologia Social para América Latina: o resgate da Psicologia da Libertação**. 2. ed., rev. Campinas, SP: editora Alínea, p. 183-197, 2011.
- MARTÍN-BARÓ, Ignacio. **Psicología de la liberación**. Madrid: Trotta, 1988.
- MELILLO, A.; OJEDA, E. N. S. et al. **Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas**. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- MELILLO, Aldo. Resiliência e educação. In A. Melillo & E.N.S. Ojeda (Orgs.). **Resiliência, descobrindo as próprias fortalezas** (pp.87-101). Porto Alegre: Artmed, 2007.
- MESQUITA, L. A. O mito de Perséfone. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women’s Worlds Congress (Anais Eletrônicos)**, Florianópolis, 2017.
- MINAYO, M. C. S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 621-626, Mar. 2012.
- MINAYO, M. C. S; GUERRIERO, I. C. Z. Reflexividade como éthos da pesquisa qualitativa. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, p. 1103-1112, Abr. 2014.

- NASCIMENTO, Beatriz Débora Pinheiro Santos. **Infância em ocupação urbana: reflexões sobre resiliência**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Psicologia. Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2019.
- NEVES, Sofia; NOGUEIRA, Conceição. A psicologia feminista e a violência contra as mulheres na intimidade: a (re)construção dos espaços terapêuticos. **Psicologia & Sociedade** 15(2), 43-64, 2013.
- NOGUEIRA, Conceição. **A teoria da interseccionalidade nos estudos de gênero na psicologia**. Ciclo de conferências do centro de investigação do Instituto Universitário ISPA, 2013. Disponível em: <<https://www.ispa.pt/eventos/teoria-feminista-da-interseccionalidade-nos-estudos-de-genero-na-psicologia>>. Acesso em 17 de julho de 2021.
- OLIVEIRA, A. L. Uma análise evolutiva no tratamento da violência contra a mulher no Estado do Amazonas. **Âmbito Jurídico**, 2020. Disponível em: <<https://ambitojuridico.com.br/cadernos/direito-penal/uma-analise-evolutiva-no-tratamento-da-violencia-contra-a-mulher-no-estado-do-amazonas/>>. Acesso em 16 de julho de 2021.
- OLIVEIRA, H. S. G. **Significados de protagonismo juvenil segundo jovens da Universidade Federal do Amazonas**. 2013. 128 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.
- OLIVEIRA, M. M. **Dinâmicas migratórias na Amazônia Contemporânea**. 2014. 340 f. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2014.
- OLIVEIRA, M. S.; SANI, A. I. A intergeracionalidade da violência nas relações de namoro. **Revista da Faculdade Ciências Humanas e Sociais**. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2009.
- PARANHOS, R. FIGUEIREDO FILHO, D. B. ROCHA, E. C. SILVA JÚNIOR, J. A. & FREITAS, D. Uma introdução aos métodos mistos. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 18, n. 42, p. 384-411, Aug. 2016.
- PENNA, E. M. D. A imagem arquetípica do curador ferido no encontro analítico. In: WERRES, J. (org.) **Ensaio sobre a clínica junguiana**. Porto Alegre: Imprensa Livre, p.145-172, 2005.
- PESSOA, R. C. **Análise da resiliência, bem-estar subjetivo e rendimento acadêmico de estudantes universitários da Amazônia**. 2014. 88 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2014.
- PESSOA, R. C. **Análise da resiliência, bem-estar subjetivo e rendimento acadêmico de estudantes universitários da Amazônia**. 2014. 88 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2014.
- PINTO, F. F.; VICTÓRIA, C. G. Educação indígena e educação ribeirinha: singularidades e diferenças, desafios e aprendizagens no contexto amazônico. **EDUCERE - XII Congresso Nacional de Educação**, PUCPR, 2015.
- QUEIROZ, Edilza Wanderleia da Silva – A Construção do Vínculo Terapêutico: Uma reflexão sob a perspectiva gestáltica. **Revista IGT na Rede**, v. 14, nº 26, 2017. p. 109 – 126.
- RAVAZZOLA, M. C. (2007). Resiliência e educação. In A. Melillo & E.N.S. Ojeda (Orgs.). Resiliência, descobrindo as próprias fortalezas (pp.87-101). Porto Alegre: **Artmed**.

- REINHART, Melanie. **Quíron e a Jornada em busca da cura: Uma perspectiva astrológica e psicológica**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993
- REISDOR, T. **Migração e experiência estudantil: um estudo de caso**. Monções revista do curso de História UFMS - CPCX, Mato Grosso do Sul, v. 4, n. 6, 2017.
- RIBEIRO, A.C. Juventudes flexíveis na Amazônia Brasileira: Incertezas do século XXI. **Revista Teias**, v. 20, n. 58, jul./set. 2019
- RISTOFF, D. O novo perfil do campus brasileiro: uma análise do perfil socioeconômico do estudante de graduação. **Avaliação (Campinas)**, Sorocaba, v. 19, n. 3, p. 723-747, nov. 2014..
- ROCHA, M. L; AGUIAR, K. F. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 23, n. 4, p. 64-73, Dez. 2003.
- SANTOS, D. K. O. **Concepções de extensão rural por extensionistas do Amazonas**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019.
- SANTOS, Jenijunio dos. **Populações ribeirinhas e educação do campo: análise das diretrizes educacionais do município de Belém-PA, no período de 2005-2012**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Belém, 2014.
- SANTOS, R. N. **Habilidades sociais e ansiedade em universitários na pandemia de Covid-19**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus (AM), 2021.
- SAWAIA, B. B. Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. **Psicologia & Sociedade**, 21 (3): 364-372, 2009.
- SAWAIA, B. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In: ___ **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social** - 2.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2001, p. 97-118.
- SGUISSARDI, V. Educação Superior no Brasil. Democratização ou massificação mercantil? **Educ. Soc.**, Campinas, v. 36, n. 133, p. 867-889, dez. 2015.
- SILVA, A. M. S. **Análise das implicações psicossociais dos processos de migração-rural urbano de jovens universitários**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia Universidade Federal do Cear, 2020.
- SILVA, C. C; BORGES, F. T. **Ánalyse Temática Dialógica como método de análise de dados verbais em pesquisas qualitativas**. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 23, n. 51, p. 245-267, jun. 2017 a set. 2017.
- SILVA, I. R; PEDROZA, R. L. S; URNAU, L. C. (2018). **Os significados das trajetórias de escolarização de jovens estudantes amazônidas**. Projeto de Pesquisa financiado pelo Programa Nacional de Cooperação Acadêmica na Amazônia, Edital nº 21/2018. BRASIL/CPES, 2018.
- SILVA, J. C. **Aproximar-se para dialogar: imigrantes venezuelanos e saúde mental**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019.
- SILVA, L. R; PEDROZA, R. L. S; URNAU, L. C. (2018). **Os significados das trajetórias de escolarização de jovens estudantes amazônidas**. Projeto de Pesquisa financiado pelo

Programa Nacional de Cooperação Acadêmica na Amazônia, Edital nº 21/2018. BRASIL/CAPES, 2018.

SIMÕES, F. I. W.; HASHIMOTO, F. Mulher, mercado de trabalho e as configurações familiares do século XX. **Revista Vozes dos Vales da UFVJM: Publicações Acadêmicas – MG – Brasil – Nº 02 – Ano I – 10/2012.**

SOUZA, A. C. R. **Depressões – Morte e Luto: uma abordagem mítico-simbólica.** Tese (Doutorado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

SOUZA, D. C. **Relacionamentos abusivos: significados atribuídos por um grupo de jovens acadêmicos da UFAM.** 2018. 81 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2018.

SOUZA, J. C. P. **Leitura psicossocial da inserção dos refugiados colombianos em Manaus.** Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2015.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n.44, p. 203-220, ago/dez. 2014.

VYGOTSKY. L. S. **Formação social da Mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WANDERBROOKE, Ana Claudia N.S. et al. Sentidos da violência psicológica contra idosos: experiências familiares. **Pensando fam. [online]**, vol.24, n.2., 2020.

APÊNDICE A - ROTEIRO DA ENTREVISTA NARRATIVA

- 1) Pergunta inicial: conte-me sua história de vida.
- 2) Perguntas não-diretivas: fale-me mais sobre isso. Você pode me contar um exemplo disso? Você poderia comentar mais sobre isso?

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM
FACULDADE DE PSICOLOGIA - FAPSI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA - PPGPSI**

Prezado(a) Senhor(a):

Esta pesquisa intitulada **Deslocamentos e migrações de jovens universitários na região metropolitana de Manaus: trajetórias de resistência na formação universitária**, tem como responsável a Dra. Cláudia Regina Brandão Sampaio, pesquisadora e professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia/PPGPSI da Universidade Federal do Amazonas, auxiliada pela pesquisadora Cassandra Torres Lemos, psicóloga e mestranda em Psicologia. A pesquisadora pode ser contactada no Laboratório de Intervenção Social e Desenvolvimento Comunitário/LABINS da Universidade Federal do Amazonas/UFAM, Av. General Rodrigo Otávio Jordão Ramos, 3000 Campus Universitário Setor Sul, Bloco X, Coroadó, Cep 69077-000, Manaus, ou pelos telefones (92) 3305-4127/ 3305-1181 ramal 2004, (92) 99983-7026, ou e-mail: claudiasampaioufam@hotmail.com.

Nesta etapa, para a qual solicitamos sua participação, temos por objetivo **compreender os processos psicossociais que os deslocamentos intrarregionais com fins de continuidade dos estudos a nível de graduação engendram nas trajetórias de vida de jovens universitários amazonenses migrantes em Manaus**. Solicitamos sua colaboração para participar de uma entrevista individuais com tempo médio de 60 minutos para conhecer sua trajetória universitária em Manaus, com foco nas vivências da migração, adversidades e nos processos de resistência. Utilizar-se-á um gravador de voz e, após, serão feitas as transcrições do conteúdo da gravação. Em tempo, também solicitamos autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos e revistas de caráter científico, em âmbito nacional e/ou internacional. Na publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo absoluto.

Ressaltamos que sua participação se dará de forma voluntária, o que implica na não oferta de qualquer tipo de gratificação em dinheiro ou em outra espécie pelas informações

fornecidas. Caso haja algum prejuízo de ordem material decorrente da participação na pesquisa, assumimos o compromisso da indenização em compatibilidade com o dano sofrido. E para que seja possível a sua participação, solicitamos o seu consentimento por meio de assinatura abaixo, o que permitirá a coleta dos dados e a utilização dos mesmos, conforme já mencionado.

Seguindo as prerrogativas das resoluções do Conselho Nacional de Saúde nº. 446 de 2012 e nº 510 de 2016, não existe pesquisa com seres humanos que não apresente riscos, seja à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual (BRASIL, 2012). Desta forma, a resolução reconhece a possibilidade de ocorrência de incômodo ou constrangimento por parte do participante nas etapas do trabalho de campo, que aqui corresponderão a preenchimento de formulário socioeconômico, entrevista e grupo focal. Caso ocorra vivência de desconforto na abordagem da temática ou havendo indício desta natureza, a pesquisadora suspenderá a atividade em curso, os dados obtidos serão desconsiderados e será ofertado atendimento psicológico imediato e posterior encaminhamento para atendimento gratuito no Centro de Serviço de Psicologia Aplicada (CSPA), localizado na Av. Gen. Rodrigo Octávio Jordão Ramos, 3000, Campus Universitário, Coroadó I - CEP 69077- 000, Faculdade de Psicologia, conforme termo de anuência do serviço. Este TCLE estabelece que os participantes e seus acompanhantes, se necessário, terão direito ao ressarcimento de todos os gastos decorrentes de sua participação, tais como compensação material/financeira com transporte e alimentação, e tudo o que for necessário para a sua colaboração neste estudo. Assegura-se também o direito a indenização e cobertura material, em qualquer fase da pesquisa, aos participantes que vierem a sofrer quaisquer tipos de dano, imediato ou tardio, resultantes desta, previstos ou não neste TCLE, com fim de reparação do dano causado, e jamais será exigida dos participantes, sob qualquer argumento, renúncia ao direito à indenização por dano. Os valores respectivos aos danos serão estimados pela instituição proponente quando os mesmos ocorrerem, uma vez que não há: valores pré-estabelecidos de acordo com os riscos; previsibilidade dos mesmos em seus graus, níveis e intensidades; definição da gradação do risco (mínimo, baixo, moderado ou elevado), nas resoluções citadas.

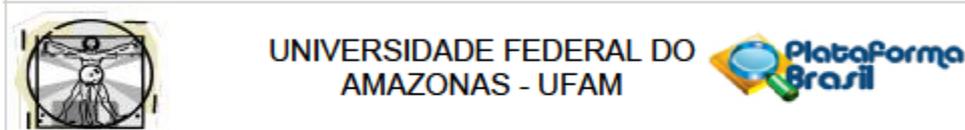
Se o (a) Sr. (a) aceitar participar da pesquisa, encontrará espaços de fala, reflexão e escuta, bem como o conhecimento de estratégias semelhantes e diferentes das que utiliza no enfrentamento da sua realidade. Ressalta-se também que participar da pesquisa, contribuir e ser reconhecido como um agente fundamental no avanço do conhecimento de uma realidade da qual é detentor e protagonista, é um reconhecimento importante que fortalece o sujeito. Além do mais, sua participação contribuirá para uma reflexão sobre a realidade vivenciada por

diferentes pessoas em suas vivências de escolarização no contexto amazônico, bem como possibilitará a visibilidade de suas formas de enfrentamento às adversidades no atual cenário sociocultural, ampliando, assim, a produção científica e a formação de profissionais capazes de responder aos desafios educacionais específicos da região Amazônica.

Por fim, caso necessite, é possível entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 33055130/ (92) 3305-1181/ ramal 2004, email: cep.ufam@gmail.com.

Obrigada pela sua ajuda.

ANEXO A – PARECER CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: Os significados das trajetórias de escolarização de jovens estudantes amazônicas

Pesquisador: Iolete Ribeiro da Silva

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 15388819.1.1001.5020

Instituição Proponente: Universidade Federal do Amazonas - UFAM

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.082.840

Apresentação do Projeto:

O Projeto de Cooperação Acadêmica entre UFAM-UnB-UNIR tem o objetivo de contribuir para o fortalecimento dos programas de pós-graduação na região amazônica, PPGPSI/UFAM e MAPSI/UNIR e a consolidação da colaboração científica entre as equipes, tendo por referência os estudos voltados aos processos de desenvolvimento humano e educação em contextos socioculturais específicos, na região amazônica brasileira. A interação científico-acadêmica com a UnB será uma ação importante para a construção de uma rede de cooperação entre essas universidades, para a criação de novas linhas de pesquisa e para o processo de internacionalização. A rede de cooperação constituída na área de Psicologia a partir da UFAM, UNIR e UnB, promoverá intercâmbio de ensino e pesquisa e a mobilidade de docentes e discentes, a fim de aprofundar os estudos de forma cooperativa e contribuir para ampliar a formação de recursos humanos e produção científico-acadêmica de alto nível que tem como foco a realidade regional do Norte do Brasil. A cooperação entre os três programas de pós-graduação em psicologia, fortalecerá a articulação existente entre pesquisadores que atuam na Amazônia com povos amazônicos, com a diversidade étnico-racial e suas implicações, a fim de dar visibilidade qualificada desta realidade em nível nacional e internacional. O PPGPSI/UFAM, atualmente é constituído por duas linhas de pesquisa e almeja com este PROCAD a ampliação da pesquisa e da produção intelectual a fim de melhorar seu desempenho na avaliação da CAPES, criar um periódico e credenciar o doutorado em psicologia a partir do desenvolvimento de sua potencialidade

Endereço: Rua Teresina, 495

Bairro: Adrianópolis

CEP: 69.057-070

UF: AM

Município: MANAUS

Telefone: (92)3305-1181

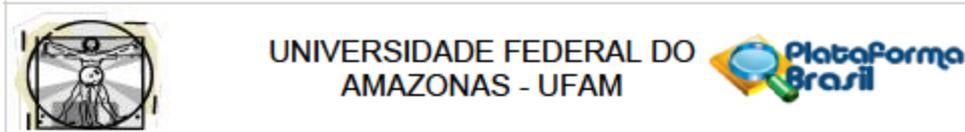
E-mail: cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 4.082.840

acadêmica na temática assumida neste projeto. Considerando que a psicologia enquanto campo de conhecimento pode produzir subsídios para a construção de políticas educacionais inclusivas que considerem as dimensões socioculturais e o reconhecimento das culturas e formas de viver em comunidades tradicionais da Região Amazônica/Norte apresenta-se esta proposta de trabalho. O objetivo geral desta colaboração é analisar como as/os estudantes amazônidas significam a sua trajetória de escolarização e vivências no ensino superior, sua participação e protagonismo e o quanto a universidade responde as suas demandas, em narrativas e argumentações, a partir de sua inscrição sócio institucional. Os objetivos específicos são: identificar espaços de participação das/dos estudantes identificando elementos que promovem ou impedem a permanência na universidade; entender de que forma os estudantes significam sua trajetória de escolarização; identificar nas narrativas dos estudantes se e como os professores contribuíram para a promoção da inclusão escolar; analisar as mudanças (lineares) e transformações (descontínuas) nas vivências escolares dos estudantes a partir de estudo longitudinal desenvolvido em duas etapas com intervalo de um ano. O campo de pesquisa da Equipe Proponente abrangerá três campi da Universidade Federal do Amazonas: (1) Campus Manaus localizado na capital do estado; (2) Campus Humaitá: no Instituto de Educação, Agricultura e Meio Ambiente que fica na região sul do estado do Amazonas; e (3) Campus Benjamin Constant: no Instituto Natureza e Cultura de Benjamin Constant situado na região do Alto Solimões na tríplice fronteira. O campo de pesquisa da equipe Associada 2 abrangerá três campi da Universidade Federal de Rondônia, a saber: a) cursos do campus de Porto Velho; b) curso de Licenciatura em Educação Intercultural do campus de Ji-Paraná; c) Licenciatura em Educação do Campo Campus de Rolim de Moura. Serão participantes da pesquisa estudantes da UFAM e UNIR. Serão utilizados três recortes para a análise dos significados atribuídos às trajetórias de escolarização e das condições de acesso: (1) políticas educacionais; (2) comunidade de pertencimento; (3) gênero. Será realizada uma pesquisa longitudinal em duas etapas com um intervalo de um ano. Para a construção de dados serão realizados os seguintes procedimentos: entrevista em grupo focal; entrevista individual - narrativa aberta, entrevista semiestruturada, entrevista mediada por imagens ou objetos individuais e entrevistas móveis. O mesmo grupo de estudantes será entrevistado na primeira e na segunda etapa do estudo a fim de permitir a identificação de mudanças lineares na transição e algumas mudanças descontínuas. O uso de diferentes ferramentas de análise permitirá: descrever e definir o contexto de significação em diferentes níveis; avançar na compreensão dos processos de desenvolvimento e aprendizagem atuantes na interpretação dos estudantes individualmente e em grupo. A análise dos dados será feita a partir de diferentes métodos: interpretativo, dialógico-

Endereço: Rua Teresina, 495	CEP: 69.057-070
Bairro: Adrianópolis	
UF: AM	Município: MANAUS
Telefone: (92)3305-1181	E-mail: cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 4.082.840

temático, análise do discurso e microgenético, visando o aprofundamento da compreensão dos processos de desenvolvimento em narrativas e argumentações dos estudantes. Na primeira etapa serão analisadas as informações empíricas obtidas nos grupos focais e nas entrevistas individuais em cada localidade (estudo 1), depois será elaborada análise do conjunto de dados (estudo 2). Na segunda etapa, repetir-se-á os mesmos procedimentos de análise realizados na primeira etapa (estudos 3 e 4), em seguida, haverá o desenvolvimento da análise longitudinal com identificação no conjunto (estudo 5). Busca-se avançar na compreensão das possíveis descontinuidades e rupturas que marcam a transição para a vida adulta, o que implica compreender os jovens estudantes como pertencentes a um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos em um momento de desenvolvimento na vida, e também como atuantes em um conjunto social com atributos e práticas culturais situados que enfrenta mudanças diversificadas, diferenciadas no contexto atual e constituído por gerações anteriores que ora produzem as condições de socialização e desenvolvimento mediadas pelas políticas públicas e por culturas locais, considerando-se a suposição básica de que mudando-se os instrumentos mediadores nas condições de socialização, como as atividades são produzidas e resolvidas, transformam-se os processos de consciência e as condições de desenvolvimento em que as tomadas de decisão dos jovens são forjadas.

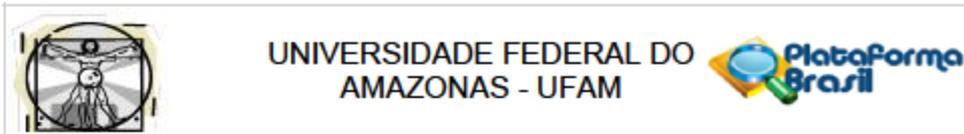
Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: O objetivo geral deste projeto é analisar como as/os estudantes amazônidas significam a sua trajetória de escolarização e vivências no ensino superior, sua participação e protagonismo e o quanto a universidade responde as suas demandas, em narrativas e argumentações, a partir de sua inscrição sócio institucional. **Objetivo Secundário:** Os objetivos específicos são:- identificar espaços de participação das/dos estudantes identificando elementos que promovem ou impedem a permanência na universidade;- entender de que forma os estudantes significam sua trajetória de escolarização;- identificar nas narrativas das/os estudantes se e como as/os professoras/es contribuíram para a promoção da inclusão escolar;- analisar as mudanças (lineares) e transformações (descontínuas) nas vivências escolares dos estudantes a partir de estudo longitudinal desenvolvido em duas etapas com intervalo de um ano; analisar as inter-relações da produção de si com a continuidade da educação e do trabalho mediados por novas tecnologias durante a pandemia do COVID-19.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: As narrativas de transição que envolvem relatos de experiências pessoais, podem implicar em dificuldades, mas a princípio, nossa experiência e de colegas no mundo inteiro indica que não

Endereço: Rua Teresina, 495	CEP: 69.057-070
Bairro: Adrianópolis	
UF: AM	Município: MANAUS
Telefone: (92)3305-1181	E-mail: cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 4.082.840

há maiores riscos aos participantes. No entanto, tomaremos o cuidado de finalizar o estudo com participantes que demonstrem que estão tendo dificuldades em contar suas experiências e também informaremos aos participantes que poderão desistir da participação em qualquer momento do estudo. Também tomaremos cuidado quanto ao processo de transcrição, visto que alguns relatos podem expor eventos traumáticos, vamos recorrer a transcritores com treinamento específico em psicologia e áreas de saúde e nos assegurar que o relato foi apagado no computador do transcritor e as cópias sejam guardadas em segurança. O projeto será desenvolvido com base nas Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, do Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/12, e atenderá as exigências éticas e científicas fundamentais: Comitê de Ética e Pesquisa, TCLE, confidencialidade e a privacidade dos dados. Para tanto, caso ocorra constrangimento ou desconforto durante o desenvolvimento da pesquisa aos participantes, as/os pesquisadoras/es, enquanto psicólogas/os, suspenderão a aplicação dos instrumentos de coleta de dados conforme explicitado acima e realizarão acolhimento e se necessário encaminhamento para o setor psicossocial da universidade, visando o bem-estar dos mesmos. Cumpre esclarecer que a pesquisa, através da instituição que a acolhe, garantirá indenização aos participantes (cobertura material), em reparação a dano imediato ou tardio, que comprometa o indivíduo ou a coletividade, sendo o dano de dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano e jamais será exigida dos participantes, sob qualquer argumento, renúncia ao direito à indenização por dano. Os valores respectivos aos danos serão estimados pela instituição proponente quando os mesmos ocorrerem, uma vez que não há valores pré-estabelecidos de acordo com os riscos, uma vez que não há previsibilidade dos mesmos em seus graus, níveis e intensidades na Resolução em tela e nem na Res. 510/2016, que trata da normatização da pesquisa em ciências humanas e sociais, uma vez que não há definição da gradação do risco (mínimo, baixo, moderado ou elevado).

Benefícios: As informações empíricas produzidas neste projeto científico colaborativo promoverão avanços na compreensão sobre como os estudantes amazônidas significam a sua trajetória de escolarização e vivências no ensino superior e suas transições, em relação também à sua participação e protagonismo. Será possível compreender o quanto a universidade responde as demandas desses jovens e produzir conhecimentos que contribuam para a gestão do ensino aprendizagem na educação superior. No âmbito das instituições, espera-se que os resultados desse estudo possam ser utilizados na organização de protocolos de acolhimento, atendimento e acompanhamento de estudantes com diferentes bases culturais durante sua estadia na universidade e, por exemplo, fomentando o protagonismo estudantil, com a valorização das

Endereço: Rua Teresina, 495	CEP: 69.057-070
Bairro: Adrianópolis	
UF: AM	Município: MANAUS
Telefone: (92)3305-1181	E-mail: cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 4.082.840

riquezas regionais e da utilização sustentável dos recursos naturais, para desenvolvimento socioeconômico e cultural comprometido com as urgências da sociedade local ao fomentar uma formação científica sensível às demandas regionais.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Não se aplica.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Folha de rosto, anuências, instrumentos e análise de dados da pesquisa, abordagem e recrutamento dos sujeitos participantes, critérios de inclusão e exclusão, riscos e benefícios, TCLE, fundamentações teóricas e metodológicas estão todos adequados e em conformidade com as resoluções 486/12 e 510/16.

Recomendações:

Não se aplica.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Trata-se de um projeto já apresentado e aprovado por este CEP. Foi incluída uma emenda que detalha todas as inclusões e alterações, devidamente pontuadas e justificadas. Por atender às exigências das resoluções 486/12 e 510/16, a emenda apresentada está aprovada.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_1570125_E1.pdf	03/06/2020 00:10:21		Aceito
Outros	Emenda_com_alteracoes_e_justificativas.pdf	02/06/2020 23:58:57	Iolete Ribeiro da Silva	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Novo_para_Professores.pdf	02/06/2020 23:56:24	Iolete Ribeiro da Silva	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_novo_para_estudantes.pdf	02/06/2020 23:55:53	Iolete Ribeiro da Silva	Aceito
Outros	Carta_Resposta.pdf	21/06/2019 03:01:23	Iolete Ribeiro da Silva	Aceito

Endereço: Rua Teresina, 495
 Bairro: Adrianópolis CEP: 69.057-070
 UF: AM Município: MANAUS
 Telefone: (92)3305-1181 E-mail: cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 4.082.840

Folha de Rosto	Folha_de_rosto_alterada.pdf	21/06/2019 02:48:26	Iolete Ribeiro da Silva	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Estudanes_PROCAD.pdf	07/06/2019 17:26:27	Iolete Ribeiro da Silva	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Roteiro_Basico_do_Projeto_PROCAD.pdf	07/06/2019 14:39:09	Iolete Ribeiro da Silva	Aceito
Outros	TERMOS_DE_ANUENCIA_E_CONCORDANCIA_INSTITUCIONAL.pdf	07/06/2019 14:30:41	Iolete Ribeiro da Silva	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

MANAUS, 10 de Junho de 2020

Assinado por:
Eliana Maria Pereira da Fonseca
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Teresina, 495
 Bairro: Adrianópolis
 UF: AM Município: MANAUS
 Telefone: (92)3305-1181 CEP: 69.057-070
 E-mail: cep.ufam@gmail.com